

N.º 2.

GARIBALDI

OU

O SEU PRIMEIRO AMOR.

n.º 2

GARIBALDI

OU

O SEU PRIMEIRO AMOR.

DRAMA EM TRES ACTOS E UM QUADRO

POR

F. Guadencio Sabbas da Costa,

Autor dos dramas, Francisco II ou a liberdade da Italia, e D.
Pedro V ou o moço velho.



SAN'LUIZ :

Typ. do—Progresso—rua da Paz, 4
Impresso por B. de Mattos.

1862.



14 811
1959



A

MEU BOM PAI E AMIGO O SR.

JOÃO GUALBERTO DA COSTA,

E A MINHA QUERIDA MÃE A SR.^ª

D. RAYMUNDA LAMAGNER FRASÃO DA COSTA,

Em signal de muito respeito, amor e consideração.

O. C. D.

O AUTOR

S. Luiz 31 de Agosto de 1862.



F. G. Sabbas da Costa.

PERSONAGENS.

QUE FALLÃO

JOSE GARIBALDI.
CONDE RANSBERG.
MARGARIDA RANSBERG.
ALFREDO RANSBERG.
DOROTHEU.
PEDRO PEDRICO.
LAUGERI.
LEBRETON.
GIACOMO.
BELCHIÓ.
MAMELLI.
PANAZZI.

QUE NÃO FALLÃO.

CARDIAL AMBROZZINI.
MASSETI.
DELAVAT.
D. GENARO.
MANNI.
MONTALDI.
DAVERIO.
MILANA.
CREADOS.
ALDEIÕES E CAMPONEZAS.
SOLDADOS AUSTRIACOS E GA-
RIBALDINOS.

(A epocha é 1856 a 1858 na Italia.)

ACTO I.

AFFRONTA.

Sala no pavimento terreo do castello do conde de Ransberg, adornada com esmero, deixando vêr ao fundo, a um lado, galerias que deitão para um jardim, que se mostra florido em parte, do lado contrario.

SCENA 1.^a

Pedro (accendendo lume.)

Ainda frio, e estamos nos primeiros dias da primavera! Muito soffre a pobreza na estação invernosa! Sem fogo que as aqueça, sem pannos que as cubra do rigor do frio! Outro tanto não acontece com os ricos. A filha do Sr. conde gosta de calor, pode-o ter, e antes que o sol aqueça este pavimento, o fogo o irá aquecendo. Tenhão lá os pobres estes luxos! Quantas vezes não sinto tremer-me o queixo, sendo obrigado a trabalhar assim mesmo, para ganhar o pão? (*mechendo na lenha que está no fogo*). Ea endemoninhada não arde! Maldita lenha! que tem medo do fogo. Admira-me como o Sr. conde vai á caça, quando ainda a neve amanhece nas folhas das arvores! Correr atraz dos cabritos montezes, em manhã tão frígida é desafiar o fogo e dar que fazer ao pobre Pedro, que se vê depois n'uma dobadoura (*fallando ao fogo*). Ardes, ou não ardes? Estaes caprichosa, senhora lenha, como uma menina aos 17 annos. D'aqui a pouco vem o mestre Dorotheu, e temol-a travada, acha por onde pregar-me um sermão, dos que tem sempre na ponta da lingua. Eu não nasci para servir a ninguem; tenho minhas disposições para ser um bom fidalgo... Em verdade, quem veio ao mundo para ser criado de servir? Eu cuido dos cavalloes e trato dos cães de caça; aquelles dão-me mais trabalho do que estes, porque muitos petiscos gostosos tenho comido, os quaes o Sr. conde manda para os cachorros. Gosto muito, quando elle me pergunta: então Pe-

dro, os cães comeram? Ah! Sr. conde, lambiam os boiços, pedindo por mais. Elle fica satisfeito, e eu de barriga cheia de acipipes de sua meza. Mesmo assim a vida é má (*o fogo ateia-se*). Ah! ah! já despertou? Temos labaredas por fim? Julgava que a teima iria mais longe (*deixa o fogão*). Vamos cuidar das obrigações (*espreguiçando-se*). Ai... ai... ai... eu ainda tenho somno. Esta mania do Sr. conde ir a caça... Jesus!... (*abre a boca*) que vontade de dormir! O Sr. Alfredo hade ir errar mais tiros! É uma lastima! O Sr. conde perde o seu tempo em querer fazer do filho um caçador (*apalpando a poltrona que está junto da mesa*). Isto sim! É mais macia que o meu colchão de palha (*senta-se*). Como é gostoso! Eu era capaz de dormir, sentado assim! (*ergue-se assustado*) Santo nome de Deus! Se mestre Dorotheu me achasse sentado na cadeira da filha do Sr. conde, tinha motivo de sobra para ralhhar commigo. Ah! vamos, Pedro, que um dia serás rico; mas em quanto não chegas a sê-lo, trata de cães e de cavallos (*saindo*). E a menina que deu em madrugada!... quando podia acordar tarde, como eu desejava acordar... Ah! não sei... não é da minha conta: mais ali ha cousa (*sahe*).

SCENA 2.^a

Margarida (*vindo pelas galeria, senta-se pensativa na poltrona que está junto á meza*).

Perdoai-me meu Deus, se é um crime que commetto, amando a Raphael, sem meu pai o saber. Vós não ignoraes que a vida me seria pesada sem este amôr, com que meu coração se alimenta (*lendo um jornal*). Feitos de Garibaldi (*representando*). Não sei como meu pai consentio a entrada destes jornaes em seu castello! Só os meus rogos venceram a repugnancia que tem elle aos jornaes piemontezes (*lendo*). « Garibaldi, o anjo predestinado por Deus para libertar a Italia, vio, com magoa sua, malograda a tentativa da revolta de Genova, e o edificio da liberdade desmoronar-se, aniquilando as melhores esperanças, que esse heróe de Roma tinha concebido para regenerar a nação italiana, patria sua, e de tantos sabios e celebres artistas » (*representando*). Quem pode escurecer esta verdade? Ella é mais clara do que a luz do dia. Sem duvida a revolta de Genova era filial da do Romorino, na Saboia, na qual pagárão com as vidas Volontyri e Borel, fusilados em Chambere. E Garibaldi ainda espera tornar a Italia independente. Come

é grande e sublime este homem! Seus feitos de heroismo não vulgar amedrontão a Austria, que offerece uma somma consideravel por sua cabeça, obrigando a Sardenha a expatrial-o e perseguil-o com rigor (*ergue-se e vai á janella*). Os austriacos debalde procurão descobrir Garibaldi! Ah! não sei porque Raphael sempre me apparece na floresta, receioso e timorato! Que ideia repentina me assaltou a mente! Não é possível... Raphael é um simples artista... um pobre camponez... uma flôr ainda desconhecida... é amavel, é terno, e não se envolve com as continuadas intrigas que assolam a Italia... Se elle fosse cúmplice na revolução... se, como Garibaldi, anda furagido e teme cahir nas mãos dos inimigos da independencia italiana? Que importa! Eu o amaria da mesma fórma, com este amôr que elle soube inspirar ao meu coração; com este amôr puro e casto, como o dos anjos do céu. Mas Raphael, não é um homem revolucionario, elle não projectaria vir offercer-se a meu pai, para leccionar a meu mano Alfredo, correndo o risco de ser preso. Ah! meu querido Raphael, quanto prazer sinto pensando em ti (*senta-se*). Que agradaveis sensações em meu coração vão filtrando, quando ouço o suave accento de sua sonora voz dizer-me: « Margarida, tu és o meu primeiro amôr. » Ah! vou tel-o a meu lado... Não sei o que me faz temer de o ter junto a mim! Se meu pai descobrir este amor... Elle é austero e orgulhoso de sua fidalguia, embora muitas vezes, correndo atraz de um cabrito, que foge de sua arma certaíra, esqueça-se do mundo e das suas vaidades. A empreza que Raphael tomou sobre si, é por demais ousada, e diz elle que está de accordo com o seu genio. Eu lhe disse que o conde de Ransberg sentia a falta de um mestre para Alfredo, o que tanto o traz magoado, e um secreto sentimento o anima a correr ao castello para satisfazer ao conde Ransberg. Que importa ter nascido Raphael na baixa classe da sociedade, se o meu amôr o torna meu igual. Conhece por ventura o amôr... Ah! Sinto passos. Disfarcemos com este livro (*pega no livro e finge ler, sentada.*)

SCENA 3.^a

Margarida, Ransberg.

RANSBERG (*preparado para a caça*).

Sempre entregue estaes á leitura, minha cara Margarida!
(*encosta a arma ao fogão*).

MARGARIDA.

O que quereis que faça? Neste castello isolado não tenho outra distracção mais que vós, meu irmão, e estas pobres gazetas, que a meu pedido deixastes entrar até aqui, e estes tristes livros, que me delectão muitas vezes...

RANSBERG.

Não é tanto assim. Aposto que fostes despertar as aves na floresta? De certo tempo para cá te ergues do teu leito primeiro que a aurora se mostre entre as rozeas nuvens. Passeas e divagas a tua vontade pela floresta; andas livremente por estes contornos, e isto não te diverte? Quando o sol lança seus frouxos raios de luz ao cahir no occaso, não colhes, no teu magnifico jardim, as mais bellas flores, que o solo italiano pode produzir, na primavera? E isto não é tambem uma gostosa distracção? Outro tanto não me queixo; vivo como um principe austriaco, nada me falta neste soberbo castello, herdado de meus avós. Oh! gozo de tudo...

MARGARIDA.

E a liberdade?

RANSBERG.

Essa palavra é sem sentido, não tem no mundo quem a comprehenda, e todavia a maior parte dos homens servem-se della como de um meio para chegar a seus fins. Eu bem sei que a leitura deleita e instrue, mas é quando os livros abundão em lições de moralidade; quando seus autores escrevem principios de virtude e bons costumes, e ao mesmo tempo são scientificos. Hoje que ha tantos rabiscadores sobre a terra, é necessario que os pais de familia tenham cautela com os livros que suas filhas têm de lêr. É um divertimento de que não gosto. Distraio-me mais com a caça, e não com esses escritos, aonde as ideias se repetem, reproduzindo sempre os mesmos pensamentos; aonde amontoam-se e confundem-se em tropel as paixões dos autores, que é um Deus nos acuda. Felizmente, cara filha, tendes a precisa educação, os estudos necessarios, para differençares os bons dos máos escritos, o que outro tanto não acontece ao meu Alfredo, que, adolescente ainda, perdeu muito com o meu desterro (*sentando-se junto a Margarida*).

MARGARIDA.

Desterro, cuja causa é ainda um mysterio. Ereis tão querido do imperador, nosso soberano !

RANSBERG.

Os meus inimigos na côrte conseguiram intrigar-me com Fernando, accusaram-me de cúmplice nas revoltas italianas e de agente do forasteiro e rebelde José Garibaldi.

MARGARIDA.

Vós, alliado ao libertador ? !

RANSBERG (*enfesado*).

Ao ganhador, a esse mestre de navio, filho de um pescador de Nizze, que tenta pescar em mar diverso d'aquelle em que seu pai pescava; quer nas aguas turvas da Italia fisgar uma posição, ganhar um nome celebre. Aventureiro infernal, que anarquiza o seu paiz e sacrifica seus irmãos e compatriotas.

MARGARIDA.

Admira-me como o nosso monarcha acreditou tão facilmente em semelhantes calumnias, quando elle se dizia vosso amigo.

RANSBERG.

Amigo ! Ah ! os soberanos, os testas coroadas, não são amigos dos seus subditos, por mais fieis que estes sejam. Elles desconfiam de todos, e de todos temem, e não se dispensam de serem ingratos muitas vezes. Fiados nesta theoria os meus inimigos, os inimigos de minha alta posição, na côrte de Vienna, tramaram a minha queda, e o desterro foi a pena dada ao meu crime fantastico. A calumnia triumphou sempre junto aos soberanos.

MARGARIDA.

Eis-nos neste castello de granito, ennegrecido pelo tempo, como um fantasma erguido na solidão destas serras, nas fal-

das destes montes que parecem querer tocar as nuvens. Felizmente o despotismo austriaco, a vingança dos seus inimigos, e a ingratidão do imperador não chegou a separar-nos.

RANSBERG.

Seria isso matar-me. A nossa separação, Margarida, importava uma sentença de morte á teu pai. . . A recordação d'esse passado triste para mim obstava-me contar quanto soffri dos meus detractores; sinto-me colerico e de pouco bom humor, quando fallo nestes negocios! Se eu prendesse a esse caudillo, daria uma prova ao imperador que não adheria á causa revolucionaria da Italia. O demonio o protege. Terrivel devastador da humanidade. . . inimigo da paz! Desgraçado, que concebe esperanza de libertar a Italia! Propagador de ideias vãs, que chama liberdade (*rindo com esgarceo*). Liberdade! . . . Espalha, semêa a guerra para colher a independencia da peninsula! Planta ventos, ha de colher tempestades. Julga que a arvore da liberdade ha de nascer, medrar, e dar fructos salutaes á Italia! Louco! Não vê elle que a guerra dos intestinos acaba por matar o corpo? E' contra Garibaldi, minha filha, de quem tanto applaudes os feitos, que Alfredo tem de conspirar-se. Elle foi o causador de meu desterro, e de meu filho não completar os seus estudos em Vienna.

MARGARIDA.

Deus é grande! Elle talvez vos envie, sem esperardes, um mestre para meu irmão.

RANSBERG.

Tenho feito propostas vantajosas a diversos lentes de Leipzig, Vienna, e até de Pariz, todos tem regeitado quanto lhes offereço, para não supportarem comigo este desterro.

MARGARIDA.

Quem sabe se mesmo na Italia. . .

RANSBERG.

A leitura dessas gazetas torna-te uma perfeita italiana.

MARGARIDA.

Se amo tanto este paiz das bellas artes.

RANSBERG (*sacudindo o cachimbo que tira de cima do fogão*).

E eu tambem amo e admiro o ceu da Italia e suas maravilhas, sem me esquecer que sou austriaco. Aprecio o seu clima, gozo de suas florestas amenas e encantadoras, persigo os cabritos, sempre como allemão (*pegando na arma*). Devem ser horas de caçar; parto a ensinar teu irmão, que nem á queima roupa acerta aos cabritos? E' gastar polvera sem proveito. Tem um talento não vulgar para caçar...

SCENA 4.^a

Margarida, Ransberg e Alfredo.

ALFREDO (*preparado para ir a caça*).

E comtudo ainda teimaes em fazer de mim um soffrivel caçador. Dou-vos carradas de razões, reconhecendo-me máo atirador. Não ha, nem pode haver em todo o globo, quem erre tanto ao alvo como eu. Ha dias perseguia um cabrito, em que dera tres tiros, e o maldito tendo escapado ao ultimo, como aos primeiros, enfesou-me tanto, que o acocei com vontade de o matar. Eu estava despeitado, a minha reputação compromettida; cumpria-me desaffrontar o brasão dos Ransbergs, enxovalhados por um cabrito.

RANSBERG.

Muito bem! Gosto de te ouvir.

ALFREDO.

Ah! o endemoninhado metteu-se pelo bosque, desafiando-me com foscas de quem perdêra o tino. Mettido nas brenhas, sem saber para onde dirigir-me, perdi de vista o cabrito, e então reparei que estava perdido tambem no centro das mattas. Debalde tentava transpôr os obstaculos que encontrava para passar, e já não tinha esperanças de livrar-me de taes apuros, quando vi dirigir-se a mim um camponez, que como anjo

da Providencia appareceu para salvar-me da critica e desesperada situação em que me achava. Não conhecia o meu libertador e nem o seu nome me quiz dizer. Fallando-me em allemão, conduzio-me por trilhos estreitos, veredas escabrosas, picadas difficeis de transpôr, e graças a Deus e a elle, achei-me junto á porta do jardim deste castello.

RANSBERG.

Seria algum vagabundo, de que a Italia está infestada?

ALFREDO.

Não o creio. Dei-lhe a minha bolça em troca do serviço que me acabava de prestar, elle regeitou-a, dizendo-me: a liberdade não se vende.

RANSBERG.

Deve ser algum naturalista, algum homem de sciencia, que estuda o solo italiano, ou algum sabio, de que a Austria tem tantos, e que goza das florestas da Italia, divagando por ellas, para melhor a estudar.

MARGARIDA.

Se fosse algum mestre de linguas? . . .

RANSBERG (*afagando a filha.*)

Candida e ingenua filha da minha alma . . . A minha viuvez suavisa-se com estes penhores que Deus me quiz conceder, de um amor puro e santo. Em todos divisas um mestre para teu irmão, e nas tuas orações invocas a protecção de Deus para que elle lance as suas vistas sobre o seu futuro. Ah! quanto sou feliz entre meus filhos.

SCENA 5.^a

Margarida, Ransberg, Alfredo e Dorotheu.

DOROTHEU.

Senhor Conde, um desconhecido pretende fallar comvosco.

RANSBERG.

O seu nome? (*accende o cachimbo e fuma.*)

DOROTHEU.

Debalde lh'o perguntei, não m'o quiz dizer, e só ordenou-me que vos declarasse, que elle vos podia ser util.

RANSBERG.

Util a mim?

DOROTHEU.

Elle assim o disse.

MARGARIDA (*à parte.*)

É elle!

RANSBERG.

Será algum maestro, ou algum pintor. Não compro paineis, não gosto de muzica italiana; é toda apaixonada, sem expressão. Na Allemanha temos muitos superiores muzicos, assim como melhores pintores do que a Italia.

ALFREDO.

Tenho curiosidade de conhecer este homem que diz poder ser util a meu pai.

RANSBERG.

Não passa de algum especulador.

ALFREDO.

Deixai-o entrar.

RANSBERG (*para Dorotheu.*)

Conduzi-o até aqui. (*a parte.*) A curiosidade não é só privilegio das mulheres.

ALFREDO (*para Dorotheu*).

Já pedes licença aos pés para andares.

DOROTHEU.

Os Janeiros pesão sobre mim, como a neve sobre as folhas dos nossos arvoredos; e assim como ella, cahida pelo chão, desfaz-se em pó, os annos hão de fazer o mesmo de mim.

RANSBERG.

Ide Dorotheu; Alfredo quer divertir-se contigo; é balda da mocidade zombar sempre da velhice.

SCENA 6.^a

Margarida, Ransberg e Alfredo, menos Dorotheu.

ALFREDO.

Este velho caminha para a sepultura; seu corpo pende para a cova.

RANSBERG.

Alfredo, sem que te rebaixes, pedes e deves respeitar a Dorotheu; elle vio-me criança, como te vê agora; é mais um amigo nosso do que um criado. Tendo liberdade para conosco, della não abusa. Sempre nos respeitando, é o mais fiel possível, o que admira sendo italiano. Derrama benefícios sobre os da sua classe, mas não deixa que a plebe toque em tuas mãos; o plebeo marêa qualquer nobreza, ainda que ella seja elevada como a dos Ransberg.

MARGARIDA (*deixando de ler, falla com os livros.*)

Que linguagem celeste a d'este poeta!

RANSBERG (*encostando novamente a arma ao fogão, encaminha-se para a filha.*)

Ah! falla dos celebres poetas Salt, Knolt, Kerkhoff e outros allemães?

MARGARIDA.

Enganai-vos, meu pai; este é da patria do Tasso, Dante e Ariosto.

ALFREDO.

E de outros idealistas, que vivem conversando com os anjos e com os demonios, pela imaginação; que só vêem fantasmas, duendes, sombras, fadas, flôres, ceus encantadores, divindades allegoricas, e que sonhão acordados, sempre a escrever. Nelles tudo são fantasias, fabulas e nada ha de real em taes poetas.

MARGARIDA (*pegando em outro livro.*)

Eis Tasso (*lendo*) «Jerusalem libertada» (*representando*). Infeliz amante de Leonor de Navarra!

RANSBERG (*pegando em uma gazeta.*)

Era um plebeu que tencionava elevar-se, rebaixando a nobreza do Duque de Ferrara. Era mais um que pretendia subir á custa daquelle que rebaixava. (*lendo*) Garibaldi. (*representando*) Ah! Aqui temos a linguagem desemfreada dos inimigos da Austria. (*lendo*) Garibaldi. (*representando*) ah! é verso! (*lendo*).

Garibaldi, anjo dos Céus,
Baixado á terra por Deus.

(*Representando*) Versos a um caudilho! Poesias a um rebelde! Eis como se prostituem as musas (*indo ao fogão queima a gazeta*). Se Deus não dorme, dia virá, em que este decantado caudilho subirá tão alto, que não tocará com os pés no sólo que tem ensopado com o sangue innocente. É já tempo desse aventureiro expiar seus crimes no cadafalso. É qual planta parasita alimenta-se com substancia estranha. Elle infesta a Italia com a guerra da liberdade, para fruir os interesses da victoria. Quando o algoz lhe puzer a mão sobre a cabeça, a paz surgirá por toda a Italia. É um homem de ideias perigosas. Aleia de continuo o facho da anarchia que o hade fazer arder como esta gazeta (*vendo arder a gazeta*). O fogo te consuma, infernal Garibaldi.

SCENA 7.^a

Margarida, Ransberg, Alfredo, Garibaldi e Dorotheu.

GARIBALDI (*disfarçado em simples camponez.*)

Senhor Conde.

ALFREDO (*para Garibaldi.*)

Ah! Eis o meu libertador.

RANSBERG.

Será possível? Fostes vós que salvaste meu filho, quando se viu perdido nas mattas?

GARIBALDI.

É verdade, senhor, confesso-vos que ignorava então a quem prestava esse serviço; quiz ser util, mesmo sem saber a quem.

RANSBERG.

Como vos chamaes?

GARIBALDI.

O meu nome é obscuro; em quanto que o vosso é conhecido e nobre. Chamo-me Raphael.

RANSBERG.

Raphael...

MARGARIDA (*á parte.*)

O meu amôr.

GARIBALDI.

Desconheci os autores de meus dias, não tenho outro nome, senão Raphael.

MARGARIDA (*tem ido ao fogão e apanhando um pedaço de gazeta queimada.*)

Justos Céus! Meu pai! Queimastes este jornal; vêde: Garibaldi escapou das chamas. (*mostra-lhe o jornal.*)

RANSBERG.

Terrível fatalidade, minha filha. Não escapará talvez das mãos do algoz.

GARIBALDI.

Ah! elle resuscitou das cinzas como a Fenix! Até das chamas escapou este caudilho, que tantas desgraças causa pelo mundo.

MARGARIDA (*encarando Garibaldi.*)

Sr. Raphael, sois inimigo de Garibaldi?

GARIBALDI (*para Margarida.*)

Como vosso pai, tenho muita razão de ser inimigo fidalgo desse degenerado italiano, que tantos sustos e receios causa à Austria. Garibaldi é máu, e terrível mesmo! Desfaz os melhores e mais bem combinados planos de Vienna, e tem a rudez de querer libertar a sua patria... sua patria! Já vistes, senhor Conde, os vagabundos terem patria? Raça de judeus que, errantes, percorrem todo o mundo! Sua patria!... (*rindo com fingido escarneo.*) É escarnecer do proximo! Quem sabe se a patria que elle chama sua, não o virá a tratar como enteado? As patrias quazi sempre são madrastas para aquelle que por ellas tudo sacrifica. Garibaldi não reflecte nisso; arrisca seu sangue, sua vida por amôr da patria (*rindo-se freneticamente.*) Desculpai-me, senhor Conde, o rir-me tanto em vossa presença. Mas, esse temerario filho de Nizze faz-me perder as considerações que vos são devidas, quando pela primeira vez ousou fallar comvosco. O sangue enfebrecido percorre-me as veias, quando fallo d'esse homem sem alma, sem amôr ao paiz, que elle chama sua patria. Ah! sabeis que, quando pelega pela liberdade, sua espada parece fulminar a todos, e sua figura é a do anjo final exterminando o mundo? A Austria faz bem em offerecer cofres

atulhados de ouro, pela cabeça desse revolucionario; mas a fallar a verdade, ella bem pouco vale, separada do seu tronco. Repellido de todos, até da propria Sardenha, occultase nas brechas dessa terra, que o vomitara do seu seio.

RANSBERG.

Que linguagem franca e conceituosa é a vossa ! Sois estrangeiro !

GARIBALDI.

Italiano, mas dos que tem amôr ao seu paiz, dos que consideram a Italia feliz, no remanso da paz, governada por quem se interessa por ella.

RANSBERG.

Pensaes com madureza e accerto, como um bom austriaco.

ALFREDO.

Em que podeis ser util a meu pai? Vindes acaso offerecer-lhe a cabeça de Garibaldi?

GARIBALDI.

Com mil estrellas ! A cabeça de Garibaldi ! Uma cabeça de tanto valor ! Querereis ver-me rico da noite para o dia (*para Ransberg.*) Senhor Conde, a cabeça que eu vos offereço, não é uma cabeça morta, é uma cabeça cheia de vida, é a minha cabeça. Não é certo, senr. Conde de Ransberg, que tendes necessidade de um mestre para o vosso filho ?

RANSBERG.

Não vos comprehendo ! Sereis algum . . .

GARIBALDI (*para Margarida.*)

O Sr. Conde possui uma filha, mais bella que a mais bella flôr da Italia.

RANSBERG.

Estes elogios a queima roupa a fazem corar e transformar-lhe a cabeça.

GARIBALDI.

Corada como a romã, e bella como a rosa d'Alexandria se tornou vossa filha. Ella deve ser como vós, como todo o bom austriaco, inimiga terrivel de Garibaldi.

MARGARIDA.

Estaes enganado, Sr. Raphael, admiro o genio desse grande homem, e neste castello sou a sua defensora.

RANSBERG.

Margarida? . . . Minha filha! . . . Que linguagem é essa?!

GARIBALDI.

Mal vai o negocio, senhor Conde, se Garibaldi tem por anjo da guarda vossa filha Margarida. Com um talisman destes, desloca-se o mundo de seus eixos (*para Margarida*). Senhora, deveis aborrecer esse homem turbulento e cruel (*para o Conde*). Eu vos estou roubando o tempo de irdes á caça. O sol já derreteu a neve e dissipou a neblina, e aproxima-se a hora de correr atraz dos cabritos. Bati á porta de vosso castello para ser-vos util, offereço-me para mestre de vosso filho.

RANSBERG.

E estaes habilitado para isso?

GARIBALDI.

Dirigia-me para a França, fóco da sciencia, para ganhar a vida, porque na Italia só a musica e a pintura imperam, quando soube que vós necessitaveis de um mestre de linguas estrangeiras, para vosso filho, temi offerecer-me, receiando não ser acceito, mas o acaso fazendo-me salvar vosso filho do meio das florestas, animou-me a vir a vossa presença com tal pretensão. Elle saberá os idiomas estrangeiros.

RANSBERG (*alegre.*)

O vosso fallar agrada-me e os vossos sentimentos garantem-me que sois um digno homem, capaz de ser mestre de Alfredo. Já lhe fostes util uma vez, quereis sê-lo novamente. Dizeis que elle saberá entender-se no mundo! Ah! Senr. Raphael! a alegria em mim é grande! Alfredo virá a honrar os meus cabellos brancos, elle regenerará os Ransbergs. Senr, Raphael, sereis neste castello um outro conde de Ransberg. O vosso offerecimento suavisa o meu degredo. Fostes a creatura que de continuo Margarida pedia a Deus.

GARIBALDI.

Accitae os meus offerecimentos?

RANSBERG.

Sim, morareis connosco, não é assim?

GARIBALDI.

Se determinardes. . . .

RANSBERG, (*para Dorotheu.*)

Preparai os aposentos contiguos ao do Senr. Alfredo; quero que o mestre esteja sempre perto do seu discipulo. (*para Garibaldi.*) Não façais cerimonia, este velho é um amigo nosso, e não um creado como representa. (*para Alfredo.*) Hoje irás pela ultima vez á caça; será o ultimo dia em que atirarás ao ar (*para Garibaldi.*) Pela ultima vez vosso discipulo correrá após os cabritos. Temos tempo de combinarmos a escriptura que exigirdes que se faça. Deveis ter uma recompensa pelo vosso trabalho.

GARIBALDI.

A palavra do Conde de Ransberg é a melhor e mais segura escriptura que posso ter. Por toda a Italia é proverbial a sua bondade.

MARGARIDA, (*a parte.*)

Eu te agradeço, oh! meu Deus!

RANSBERG.

Desde já sois senhor d'este castello, e Dorotheu vos conduzirá aos vossos aposentos, assim que estejam preparados (*para Alfredo.*) Vamos meu caçador das duzias (*tomando a arma.*) Ah! sou feliz! (*para Dorotheu.*) Que nada falte ao Senr. Raphael (*para Margarida.*) Segue-me, cara filha (*para Garibaldi.*) Até já (*saem.*)

SCENA 8.^aGaribaldi, (*observando a scena.*)

Eis-me no castello de Margarida. Uma pagina estranha na historia da minha vida guerreira; a primeira na minha vida de amores, isto sirva para florear o meu passado, quando no futuro se lembrarem de mim. Disfarcei-me perfeitamente! O Sr. Conde mal podia pensar que o homem que tem a cabeça a prego se atrevesse a vil-a offerecer em seu proprio castello. A colera muitas vezes alterada teve de ceder aos ternos olhares de Margarida, que por sua parte deixou-me descobrir o terno amor que me consagra. A prudencia e a resignação não-se no semblante da filha do Conde Ransberg, aconselhando-me resignação. Sem humilhar-me, eis-me seu senhor do castello do maior inimigo da Italia. Conde Ransberg; o proscripto, o salteador, o rebelde, está senhor da praça, mas elle nada quer de vós, elle despresa-vos e aos vossos odios. Ah! Margarida mal sabe que o homem detestado por seu pai, é o seu Raphael! A minha cabeça de novo se arrisca nesta nova parada, parada em que anda o amor. Não importa, ella já é posta a prego pelo amor que devoto á patria, seja tambem pelo amor que tenho a Margarida. Margarida e a patria! (*senta-se na poltrona.*) Ah! e ambas occupam o meu pensamento, o meu coração, apezar de serem distinctas, entre si. A patria é o meu idolo, Margarida é o meu anjo e por ambos sacrificaria a minha vida. Para libertar a patria dou o sangue todo, e para possuir Margarida o mundo affrontaria, muito embora ficasse em suas ruinas sepultado. (*Vendo os livros.*) As divindades se entendem, Margarida distrae-se com as musas (*pegando em uma gazeta.*) Ella olvida Raphael pensando em Garibaldi. Resoluta e firme, estou que tudo hade affrontar para ser minha esposa, e poder na terra não vejo que tente obstar os nossos destinos (*tendo para si.*)

SCENA 9.^a

Garibaldi e Pedro.

PEDRO (*a parte.*)

Olá! . . . é este o mestre do senr. Alfredo? Que tal será elle? Como se recosta na cadeira da menina! O mestre Dorotheu com este não jogará as cristas, como faz comigo. Acabei de ouvir agora mesmo um sermão que não lhe encommendei. Não ha remedio, mestre Dorotheu manda, obedece-se, e diga a este senhor, que não conheço, que seus aposentos estão promptos (*para Garibaldi.*) Bons dias, Senr. . . é verdade como é o seu nome?

GARIBALDI, (*continuando a lèr.*)

Raphael.

PEDRO.

Raphael! É um nome celebre na Italia. Raphael chamava-se meu avô que foi um optimo sapateiro em Turim. . . . então, o senr. Raphael. . . e esta! Raphael de que?

GARIBALDI, (*deixando de lèr.*)

Quem és tu?

PEDRO.

Eu chamo-me Pedro, Pedrico, como me chamava minha defunta mãe, filha do celebre Raphael de que já vos fallei.

GARIBALDI.

Pedro, és criado neste castello?

PEDRO.

É verdade, por graça de Deus e da filha do senr. Conde. Eu andava aos páos sem ter aonde dormir, morrendo á fome, quando o acaso quiz que um anjo viesse em meu soccorro.

Era D. Margarida, que vendo-me em tanta miseria, condeu-se do meu estado e fez com que seu pai me tomasse para criado. Aqui trato dos cavallos e dos cães de estimação do Senr. Conde.

GARIBALDI.

Então deves a D. Margarida a tua estada neste Castello? Ella foi a tua boa estrella? (*a parte.*) Será elle grato! Experimentemos:

PEDRO (*á parte.*)

Este homem, se me não engano, tenho visto na floresta deste Castello.

GARIBALDI.

Deves ser grato á filha do senr. Conde.

PEDRO.

Por ella tudo sacrifico.

GARIBALDI.

E terias coragem de affrontar perigos para sua salvação?

PEDRO (*atrapalhado.*)

Como?... Eu? Ah! sou corajoso como um leão, como o diabo, como Garibaldi.

GARIBALDI (*levantando-se.*)

E se te agarrarem para....

PEDRO (*medroso.*)

Estaes brincando? O susto causa palpitações alteradas no coração....

GARIBALDI (*á parte.*)

É covarde. Vejamos se é venal (*alto.*) Se em troco de uma

bolsa cheia de ouro de ti se exigisse uma traição feita aos habitantes deste castello, trepidarias em pratical-a?

PEDRO.

E quem me daria uma bolça cheia de ouro?

GARIBALDI.

Eu.

PEDRO.

Vós! . . . e com que condicções?

GARIBALDI.

Para facilitares roubar-se este castello.

PEDRO.

Sois um homem de bem. . . . digo sois honrado, não ereis capaz de offerecer-me uma bolsa com ouro. . . . o mestre do Senr. Alfredo. . . .

GARIBALDI (*á parte.*)

Por minha vida, este homem é poltrão e venal (*alto.*) Pedro, vejo que és um valente defensor dos dominios de Ransberg. Aconselho-te que sejas fiel a teus amos, porque selhes fores traidor (*agarrando a Pedro pelo braço.*) Treme de mim que te forcerei o pescoço.

PEDRO (*de joelhos.*)

Em nome de Deus! . . . Vós tendes mãos de ferro! Irra! . . . apertais de tal forma. . . Jesus! basta. . . . sinto quebrarem-se-me os ossos do pulso.

GARIBALDI.

Se fores traidor (*apertando-o.*)

PEDRO.

De forma nenhuma. . . ah! piedade! . . . piedade! . . . com

paixão! . . . o suor frio corre-me em bagas . . . ah! Senr. Raphael, tende compaixão de Pedro, do neto do celebre Raphael.

GARIBALDI (*empurrando-o.*)

Se eu souber que és ingrato, mato-te (*Pedro benze-se.*) E se fores fiel e agradecido aos Ransbergs, dar-te-hei ouro (*Pedro reza.*) Tens-me entendido?

PEDRO (*erguendo-se.*)

Ah! vós fallaes (*mirando o pulso*) com tanta clareza . . . (*á parte.*) Se me apertasse assim o pescoço, estava eu servido.

GARIBALDI (*á parte*)

É preciso não causar suspeitas a este creado; póde ser-me útil ainda (*alto.*) O Senr. Conde partio?

PEDRO.

Ha muito que foi a caça e o mestre Dorotheu mandou-me avisar-vos de que os vossos aposentos estão promptos.

GARIBALDI.

Esperarei aqui o Senr. Conde.

PEDRO.

Como quizerdes (*vai saindo*)

GARIBALDI.

Não te esqueças da minha promessa.

PEDRO.

Ah! terei cautella de não esquecer-me, a minha vida exige vigilancia (*sae.*)

SCENA 10.^a

Garibaldi e Margarida.

MARGARIDA.

Raphael.

GARIBALDI.

Margarida ! Minha amada Margarida !

MARGARIDA.

Raphael, a empreza foi arriscada, mas feliz exito tivemos. Não sabes como tremia por ti. Ainda corres o perigo de ser descoberto por meu pai como o homem amado por mim, mas o dedo de Deus que nos guia e protege. . . .

GARIBALDI.

Se és um dos seus anjos, como não te hade elle proteger ? Como queres, que Deus te abandone ao azar da sorte, se és a sua mais perfeita obra ?

MARGARIDA.

És um seductor, um lisongeiro. Meu pai partio, levando Alfredo consigo, elles voltaráõ em breve e contiñas com os teus disfarces, não é assim ? Diz-me ? . . . és inimigo de Garibaldi ?

GARIBALDI.

Assim pensas, pelo que me ouviste ?

MARGARIDA.

É verdade.

GARIBALDI.

És austriaca, e pugnas pelo inimigo da tua patria ?

MARGARIDA.

Pugno por esse grande homem que, tem se livrado das mãos dos seus inimigos, zombando delles, e trabalhando para chegar ao seu fim, que é libertar a Italia.

GARIBALDI.

És uma Garibaldina?

MARGARIDA.

Sou uma fraca mulher, nada mais.

GARIBALDI.

E temes que Garibaldi seja victima um dia? E não pensas no nosso amor? N'este amor occulto de todos, que augmenta de momento á momento, sem que teu pai saiba, que amas e és amada pelo mestre de Alfredo? Ah! não temes pelo nosso futuro, pelo nosso amor immenso como o poder de Deus! Não temes teu pai conspirado, em furor, armado de poder, nos separando?

MARGARIDA.

De que heide temel-o? Qual é o pai, a quem as lagrimas de uma filha não abranda o coração e enternecer a alma.

GARIBALDI.

O teu.

MARGARIDA.

Oh! a tudo então saberei resistir.

GARIBALDI.

E ao Conde Ransberg!

MARGARIDA.

Tudo affrontarei, Raphael, pelo nosso amor.

GARIBALDI.

Flôr delicada e fragil, que o sôpro da viração desfolha e mata, queres seguir o carro que me conduz ao infortunio?

MARGARIDA.

Meu Rapael, a tua Margarida, é como o junquillo do prado, que o tufão curva, mas não quebra, hade triumphar da tempestade que nos ameaça. E não serão os receios da má sorte, que me obstarão de caminhar junto de ti, não será o bafejar dos zefiros, que arrancarão as petalas de tua Margarida.

GARIBALDI.

Mas se teu pai, derramando lagrimas, te implorar que esqueças o teu Raphael, e se o seu pranto calando em teu coração este amor que me escalda o sangue, terei por fim de abandonar-me, entregue á minha má estrella. Bem sabes, Margarida, quanto o Conde é terrivel com a sua nobreza. Se elle descobre que me amas, mandar-me-ha arrastar para fóra do seu Castello, como um plebeu ousado e insolente. Margarida, eu serei duas vezes infeliz, perdendo-te, e sendo affrontado por teu pai, de quem me vingarei então.

MARGARIDA.

Raphael, se a desgraça tocar-te, terás a teu lado a tua fiel Margarida. Ella mitigará teus sofrimentos, tuas maguas; suavizará tuas amarguras com seus risos e afagos. Eu não temo as torturas dos infernaes inquisidores, nem os tormentos inventados pelos malvados, e muito menos as iras de um pai, que ama-me muito. Elle cederá a meus rogos, e nós seremos felizes.

GARIBALDI.

E se cruel, não te attender? Oh! não o conheces!

MARGARIDA.

Ah! Serei tua contra a sua vontade. Jámais quero a vida, se não fôr para gozal-a a teu lado.

GARIBALDI.

Creatura divina! Celeste emanação de um amor tão doce, quão puro. Eu te amo! oh! amo-te, como amo a patria, a minha querida patria! D'ella chegarei a esquecer-me ao teu lado Margarida (*fica triste.*)

MARGARIDA.

O que tens?

GARIBALDI.

Nada. . . . Nada. . . . uma recordação do passado; já passou. Margarida o mar encapella-se, quando a bonança o abandona ao furor dos ventos; assim é o meu coração. Quando separo o pensamento de ti, ou da patria, sinto pullular em meu peito o coração, cheio de dôr e desespero, mas ao teu nome, a lembrança da patria, faz reviver em mim a esperança. O doce e suave son da tua voz adormece e facilmente torna ao seu natural o meu triste coração. Os teus risos, um olhar teu, o torna tranquillo como o leito de um rio fazendo deslizar mansamente sua corrente em noite de luar. A tua voz me falla n'alma, como a melodiosa e terna harpa de David, animando-me para o combate da liberdade da Italia. E quererá Margarida acompanhar o seu Raphael, quando o grito de independencia echoar por toda a península? Ligado ao destino d'esse homem, escravo de suas idéas, não te arrependerás de o ter amado? Oh! dá-me força e valor, tornando-me um baluarte inconquistavel para defesa da patria contra os despotas que a opprimem. Oh! então serei um soldado valente que desafiará as cohortes do despotismo para as dispersar para sempre.

MARGARIDA.

Que ouço! e é Raphael que falla assim?

GARIBALDI.

Assim querias ouvir ainda a pouco de meus labios, a linguagem que teu coração gosta de ouvir. Quando o sol da liberdade surgir por sobre a Italia, dardejando os seus raios de esplendor, illuminar as ruinas dos despotas, oh! então seremos felizes. . . Não andarei perseguido e poderei a teus

nós offerecer-te os louros ganhos nos combates da liberdade. Deixa-me, Margarida, que de joelhos beije as tuas mãos generosas (*ajoelha*). Oh! momentos são estes, que se sentem mais não se explicam.

MARGARIDA.

Ah! Sinto perder a cabeça! Ergue-te Raphael, tem piedade de mim...

GARIBALDI.

Receias de teu Raphael (*de joelhos.*)

MARGARIDA.

Tenho medo de mim mesma?

GARIBALDI.

Se eu fôra Garibaldi....

MARGARIDA (*dando-lhe a mão a beijar*).

Amar-te-hia como amo a Raphael. (*Garibaldi de joelhos beija a mão de Margarida. Entra o conde e os vê.*)

SCENA 11.^a

Garibaldi, Margarida e Ransberg.

RANSBERG.

Que vejo!

MARGARIDA (*occultando o rosto entre as mãos.*)

Ah! (*Garibaldi ergue-se.*)

RANSBERG (*com furor.*)

Olá! Vinde todos! Um traidor no meu castello, vinde!

MARGARIDA (*correndo para o pai.*)

Meu pai !

SCENA 12.^a

Garibaldi, Margarida, Ransberg, Dorotheu, Pedro e Criados.

DOROTHEU.

Aonde está o criminoso ?

RANSBERG.

Ei-lo, é Raphael.

TODOS.

Raphael ? !

RANSBERG (*desesperado.*)

Quero vê-lo arrastado do meu castello e sem piedade acoitado por vós. Cumpri as minhas ordens (*os creados avançam para Garibaldi mas recuam intimidados.*)

GARIBALDI (*armado de uma pistola.*)

Ai d'aquelle que me tocar (*aponta a pistola.*)

MARGARIDA (*de joelhos aos pés do pai.*)

Meu pai, tende piedade de mim, das minhas lagrimas; oh ! não toqueis em Raphael, em nome de Deus.

RANSBERG (*repellindo-a.*)

Filha degenerada !

MARGARIDA (*para Garibaldi.*)

Raphael, meu amado Raphael, fuge, em nome de tua Margarida, do nosso amor.

RANSBERG (*furioso.*)

Em nome de Fernando imperador d'Austria, prendei-e.

GARIBALDI.

Em nome da Italia não me toqueis !

RANSBERG (*erguendo o chicote para Garibaldi.*)

Insolente !

GARIBALDI (*agarra o braço do Conde fazendo cair o chicote antes que este lhe toque.*)

Conde Ransberg, pagareis caro esta affronta. Despertastes o leão com o vosso chicote, elle acordado vos estrangulará com suas garras (*empurra a mão do Conde, que tem conservado segura, e este cae em uma cadeira.*) Ameaçastes o homem, que os mais audazes ainda se não atreveram a tocar sem cair por terra. Sem saberdes quem sou affrontastes-me com esse instrumento infamante. Quereis a luta? Ella será de extermínio. Um de nós desaparecerá da face da terra para sempre ! Adeus Margarida, espera pelo teu Raphael.

MARGARIDA.

Adeus Raphael !

GARIBALDI (*correndo pulando a janella que deita para o pateo.*)

Conde Ransberg teme a minha vingança ! (*desapparece.*)

SCENA 13.^a

Margarida, Ransberg, Dorotheu, Pedro, Criados e Alfredo (*que vem correndo.*)

ALFREDO (*corre a janella e dispara a arma de caça sobre Garibaldi.*)

Morre traidor ! (*atira a arma ao chão.*)

MARGARIDA (*desmaiando.*)

Ah! (*cae no chão.*)

RANSBERG (*erguendo-se maquinalmente*)

Quem é este homem ?

ALFREDO.

É Garibaldi.

TODOS.

Garibaldi!

(*Pedro cae de joelhos benzendo-se. Cae o pano.*)

FIM DO 1.^o ACTO.

ACTO II.

A VINGANÇA.

Magnifica sala do castello do Conde de Ransberg, tendo no centro uma longa meza com preparos para escrita e cadeiras em circumferencia. Nas portas estão caidos os resposteiros encarnados com os brazões do Conde. As portas do fundo dão entrada commum, as da esquerda communicão com os apoentos de Margarida. E' noite.

SCENA 1.^a

Dorotheu e Pedro.

DOROTHEU (*accendendo as velas.*)

Pobre Italia! Eu não entendo, nem quero entender, o que fazem contigo e com teus filhos. Sou velho, proximo tenho o meu ultimo dia, para nada te posso servir, nem de ti pretendo coisa alguma, que lá vai o tempo das honras e glorias! Ai de mim! outros não dizem o mesmo.

PEDRO (*sacudindo o pó dos moveis.*)

Menos eu, mestre Dorotheu, que tambem ignoro o que entre nós se passa. Aqui tudo é mysterioso como... Lembra-se, ha um mez, que vimos o maldito pular a janella para o pateo e escapar ao tiro que sobre elle disparou o Senr. Alfredo e que mais uma vez errou ao alvo! Quem diria, que aquella cabeça de tanto valor no mercado de Vienna, esteve entre nós e... (*aparte*) irra! ja ia entornando o caldo (*alto*). Sim, mestre Dorotheu, quem diria... nem eu sei... ah! sim, nós fallavamos.

DOROTHEU.

Da Italia. A Italia que metterão em tal meada e não heide ser eu, Dorotheu, velho, no ultimo quartel da vida, que a

heide desembaraçar. Agora é que eu digo, se o grande homem visse.

PEDRO.

Salvou-se do tiro do Senr. Alfredo, mas do punhal do Senr. Conde não poudo escapar (*chegando-se perto a Dorotheu.*) E mestre Dorotheu, acha, acredita, tem certeza, de que Garibaldi é morto? Um duello....

DOROTHEU.

Assim assevera nosso amo, e quando um fidalgo diz uma coisa temos por dever não duvidar da veracidade de suas palavras. Ao menos são estes os deveres que, elles impõem aos plebeus, muito embora mintão á seu talante. Pedro, eu não te fallava de Garibaldi.

PEDRO.

Fallastes no grande homem... mas um duello, sem padrinho....

DOROTHEU.

Garibaldi equivocado com Napoleão Bonaparte! Com esse general, que de tudo sabia tirar partido e no meio das descendencias estranhas, nascia a sua esperança, morrendo a estrangeira nacionalidade! Garibaldi, confundido com o grande homem, o homem das cem batalhas, dos cem combates, das continuas victorias! Hoje é morto, quando não, entraria pela Italia, como tantas vezes entrou pela Austria e pela Hespanha. Infeliz no fim de sua brilhante vida, vio a sua corôa de louros trocar-se pela de cypreste, como a gloria pelo infortunio. Morreu martyr! Depois de fazer reis e distribuir sceptros, dominado muito.... oh! morreu, como não esperava morrer, quando pedio a protecção da Inglaterra. Mas esta o temia, como o cordeiro teme ao lobo, condemnou-o ao desterro, a morrer em Santa Helena! Servi debaixo de seu commando quando o Senr. Marquez de Ransberg, refugiara-se na Inglaterra, com seu filho o Senr. Conde, nosso amo. Commandados por elle, demos a famosa batalha de Marengo. Ah! que general! Valente no meio do fogo, animoso no centro do perigo!

PEDRO.

Eu seria assim, mestre Dorotheu, se não tivesse nascido fóra de tempo, em uma noite de eclipse. O meu genio, eu conheço custa-me a contê-lo, é todo guerreiro! é terrivel! é belicozo! Quando os caxorros do Senr. Conde enfezão-me, vingo-me com victoria certa comendo tudo quanto de homlhes manda o Senr. Conde. Oh! eu bem conheço que sou levado da colera...

DOROTHEU.

És um Garibaldi de hoje.

PEDRO (*medroso observa a scena.*)

Em... fallaes em defuntos...

DOROTHEU.

E tens medo dos mortos?

PEDRO.

Quem eu? eu os dezafo. (*aparte*) Meu Deus, livrai-me dos fantasmas e das almas do outro mundo.

DOROTHEU.

Hoje só fallão em Garibaldi, como de um grande soldado, como se um destimido fóra. Eu o quizerav ver passar a ponte d'Arcole onde as bálalas chovião sibilando pelos ares, varrendo tudo, derrubando todos! Ali é que se mostra coragem. Ainda tenho saudades desse tempo que já passou! Não me recordo uma só vez do vencedor de Austerlistz que não sintapungentes saudades. Maldita batalha de Waterloo! Mil vezes malditos os traidores, que cobardemente trahirão o grande homem. Foi o sol que se precepitou no occaso, levando comsigo todo brilho de sua luz esplendente.

PEDRO.

Sois um bonapartista terrivel!

DOROTHEU.

Agora a intriga substitue o tiro de canhão, não se combate em campo raso, a peito descoberto, não, as campanhas destes tempos são dadas aavez dos resposteiros, nos degrãos do throno, em guerrilhas diplomaticas.

PEDRO.

Isso é assim... mestre Dorotheu... mas dizei-me o que ha hoje neste castello, pois é a primeira vez, desde que aqui estou, que vejo este salão illuminado, quando no pavimento terreo habitavão todos quazi os dias inteiros. Sabe, eu suspeito...

DOROTHEU.

O que suspeitas?

PEDRO.

Que na casa do Senr. Conde vai haver jogo no qual a parada deve ser a nossa Italia.

DOROTHEU.

Ouzas fallar assim!

PEDRO.

Elle... (*á parte.*) O que ia dizer! (*alto.*) Eu fallo com-vosco... com o meu mestre Dorotheu.

DOROTHEU.

Disseste, elle!... Elle quem?

PEDRO (*disfarçando.*)

Elle, o Senr. Conde... ah! julgaveis fallar eu do vosso Napoleão? No vosso tempo, a guerra cheirava a chamusco, não era guerra de palavra?

DOROTHEU.

Sinto praser, quando me recordo das façanhas que os exer-

eitos italianos fizeram sob o commando de Bonaparte! Não sei porque... sim.

PEDRO (*á parte.*)

É a sua corda sensível, safa, ia-me perdendo e se elle soubesse (*olha para os pulsos.*)

DOROTHEU.

Luiz Felipe tanto o guerreou, porém mal sabe esse monarcha o que pela França se trama contra elle. As occultas guerreou o Cesar moderno e outros em sociedades secretas, trabalhão para deital-o por terra. E fallão em republica! Com mil bombas! Mazzini aventa essas idéas, que a mocidade lhe aconselha, mas ellas são más e perigosas. Antes a liberdade como entende e quer Garibaldi, do que pela forma que pede Mazzini.

PEDRO.

Mas Garibaldi é morto... se foi vencido no duello.

DOROTHEU.

Outros o imitarão para conseguir o que elle infelizmente não poudo. Com tanto que, não haja republica. A republica da França sirva de fiel espelho as outras nações e Luiz XVI infeliz e desgraçado, foi victima d'essa republica. Não quero Marats na Italia; os Dantons e Robespierres não nos servem, e mesmo velho, ainda darei tiros contra a republica. Deos livre a Italia desse flagello.

PEDRO.

E o Senr. Conde não gostaria muito da brincadeira. Mestre Dorotheu, se Garibaldi é morto, como eu creio, por assegurar-nos o Senr. Conde, a independencia de Italia vai mal e a peninsula terá de viver eternamente escrava. Ah! com a morte de Garibaldi, meu Deus! como fico enternecido todo, vendo correr o pranto magoado de D. Margarida! Coitadinha! Parece ir definhando a olhos vistos! (*limpando as lagrimas.*) Eu em vendo alguém chorar perco logo o appetite e fico terno como um namorado. Eu não nasei para chorar, nem ver outros chorar.

DOROTHEU.

Partamos; ali vem o Senr. Conde (*saem.*)

SCENA 2.^a

Ransberg (melancholico.)

Ella deu credito ás minhas palavras, julga Garibaldi morto, chora a perda do ente que tanto ama! Custa-me ver noite e dia, minha filha desfazer-se em pranto! E hei-de nodoar a minha nobreza para enchugar-lhe as lagrimas? Não! Surpizião dos seus tumulos os meus antepassados a amaldiçoarem aquelle que esquecêra o que é! Antes vê-la carpir a dôr de haver perdido um amor vergonhoso, do que consentir que nos braços de um caudilho, de um perverso, se lançasse como esposa (*senta-se junto á meza.*) Margarida suppõe-me assassino do seu amado, como todos crêem neste castello; e quem duvidaria da minha palavra? A nodoa que do inferno foi lançado sobre os meus braços, eu a lavarei. Felizmente a luta vai acabar. O Imperador Fernando perdoou-me e de mim exigio este castello, para reunir um congresso, sem causar suspeitas as potencias alliadas como a França, Inglaterra e Russia e secretamente resolverão o destino que deve ter a Italia. O castello de um desterrado, illude certamente as prespicazes potencias, para desconfiarem de cousa alguma. Napoles, Roma, Austria, Toscana e Sardeaha, envião seus diplomatas e esta noite, d'aqui a pouco reunidos nesta sala, deliberaráõ o meio de terminar esta guerra continua que a Italia soffre no proprio seio. Concluido este trabalho, deixarei o castello, deixarei Garibaldi entregue a solidão das florestas e em Vienna o desafio a perturbar a paz do meu espirito, embaciando os titulos de minha nobreza. Elle, com um bafejo nocivo, fez murchar a mais bella flôr, que neste jardim ameno, cauteloso educava; mas se a justiça dos homeas é impotente, a de Deus não dorme (*fica triste.*)

SCENA 3.^a

Ransberg e Margarida.

MARGARIDA (*saindo dos seus aposentos vestida de preto, sem ver seu pai.*)

Ah! quanto sou infeliz! (*chora occultando o rosto nas mãos.*)

RANSBERG (*á parte.*)

Sempre lacrimosa e inconsolável!

MARGARIDA (*sem ver o pai.*)

Meu Deus! porque não me tiraes a vida, se Garibaldi é morto?

RANSBERG (*erguendo-se.*)

Porque Deus é as mais das vezes generoso e não quer punir.

MARGARIDA (*assustada.*)

Perdão, Senr., não vos havia visto.

RANSBERG.

As lagrimas cegão-te como o amor eloquente e perde-te a dôr. Difinhas, sem pensar, que um suicídio é punido pelas leis divinas e que os teus sofrimentos magôão e acabrunhão um velho que, já nos ultimos annos de vida, tambem chora e é infeliz, como pai. Debalde tenho empregado minhas supplicas e minhas lagrimas infructiferas correm! Tudo! tudo desprezas com frieza, para pranteares a morte de um infame aventureiro, sobre quem pesão horriveis crimes. E não te commove este penar de teu pai? Um cajado de peregrino atravessando a corôa de Conde, nos brazões de nobreza dos Ransbergs era o que desejavas. Oh! miseria das miserias! O filho de um pescador esposo da filha.... não! nunca!... Oh! e ousaria Margarida esquecer-se dos seus deveres? Os bons medos e docilidade com que te tenho tratado, de fôrma alguma, tem podido amortecer esse amor criminoso que era offensivo a teus avós, á memoria dos Ransbergs! nem um só instante minhas lagrimas apagarão os vestigios no teu coração que deixára esse desgraçado amor, puro o innocente! Não vês que esse fogo abrasa-te o peito, dilacera-te a alma e te mata de angustias! Se Garibaldi ainda vivesse....

MARGARIDA.

Morto! Oh! não sei o que me diz o coração... uma voz

secreta resôa a meus ouvidos como a de um anjo do Senhor . . .
Oh . . . elle vive !

RANSBERG (*confuso.*)

Não ! não ! eu o assassinei, foi um duello sem testemunhas, no qual cahio á meus golpes, succumbio á meus pés ! Essa voz que ouves é saida da sua sepultura, para atormentar-me e vinga-lo da affronta que lhe fiz, vencendo-o na lucta de vida e de morte ! Morto está elle para sempre e a paz da Italia será restabelecida como a do meu coração. Foi uma lucta igual, homem á homem, face á face, ferro á ferro—venci—a victima foi minha, a vingança morreu com elle e a offensa recebida deste caudilho em meu castello, estava apagada com o seu proprio sangue (*aparte*). Aproveitemos o perdão (*alto*). Decepando-lhe a cabeça fiz d'ella um rico presente a Fernando d'Austria, em troca recebi (*mostra o papel*) esta carta imperial, com o meu perdão (*aparte*) amanhã deixarei a Italia.

MARGARIDA.

O que dizeis ? Estaes perdoado ? Tendes de deixar este castello ?

RANSBERG.

Perdoado pelo soberano; não sei se mais voltarei a Vienna, Margarida ! Ha um mez que tenho fugido de ser cruel, barbaro mesmo, para contigo, ha um mez que encontrei-te ouvindo confissões de amor desse desgraçado aventureiro; ha um mez que te vejo rebelde a minha vontade, aos meus ditames; custa-me, mas prevejo que tentas obrigar-me a lançar mão dos direitos de um pai austero, empregando contra ti os meios violentos que tenho repellido até hoje. Já me tízeste em lucta extranha matar um homem !

MARGARIDA (*occultamente.*)

Jesus !

RANSBERG (*alterado.*)

Queres arrastar-me á situação odiosa de ser mau pai ? Choras ? Eu rio-me do teu pranto, como ri-me, nesse dia, vendo

lavado no seu proprio sangue e a meus pés o teu amado Garibaldi.

MARGARIDA.

Oh ! não sois meu pai—vós. . .

RANSBERG.

Acaba.

MARGARIDA.

Sois um cruel !

RANSBERG.

Assim o quizeste.

MARGARIDA.

E porque não haveis de matar-me ? Fostes o seu algoz, sêde o meu verdugo. Não, vós sabeis que a morte seria um alivio para vossa filha e vós quereis o martyrio para ella.

RANSBERG.

Insensata ! desobediente ! Abrigaste em teu peito sentimentos baixos como o chão que calco com os pés e querias coroar essa vergonha com aprovação de teu pai ! Oh ! vinguei-me e matei a tua esperança futura.

MARGARIDA.

Mas não tendes poder para riscar do meu coração a memoria de Garibaldi. Matastes nesse duello nossos corpos, o golpe que lhe tirou a vida ferio-me até no amago da alma, mas as nossas almas serão unidas no céo, aos pés de Deus.

RANSBERG (*alterado.*)

Insolente ! Esqueces que posso. . .

MARGARIDA (*de joelhos aos pés do pai.*)

Matai-me ! O que vos detem ! A dextra que manchou-se

com o sangue de Garibaldi deve derramar o de Margarida!
Em nome de minha mãe, matai-me!... Oh! tirai-me a vida.

RANSBERG (*repellindo-a.*)

Punir-te-hei com rigor (*sae.*)

SCENA 4.^a

Margarida (*erguendo-se.*)

Vai-te, Conde Ransberg, orgulhoso e soberbo fidalgo; o meu coração não te pode crer. Tentas illudir-me e não sabes que mais atêas as chamas deste fogo, soprado pelo amor. Mal sabes, que o amor que consagro a Garibaldi, morto ou vivo, é maior do que o odio que lhe tendes. Se Garibaldi não vive... meu Deus! se Garibaldi foi morto n'esse duelo... Ah! porque temeis, Senr. Conde, que vossa filha saia deste castello e redobrais cauteloso os vossos rigores? Aqui existe um mysterio, que Deos fará desapparecer com a luz da verdade. (*de joelhos*) Meu Deus! se elle já não vive... dai-me a morte!

SCENA 5.^a

Margarida e Dorotheu.

DOROTHEU.

Quereis a morte, quando apenas começas, como a flôr, a desabrochar na vida?

MARGARIDA (*erguendo-se.*)

Quem vos chama?

DOROTHEU.

Mandado e não chamado aqui me apresento. Vosso pai ordenou-me que vos retenha em vossos aposentos, é a sua vontade e a vontade do Senr. Conde é uma lei para mim.

MARGARIDA.

Sou prisioneira?

DOROTHEU.

Assim determinou-me vosso pai.

MARGARIDA.

Dizei antes o Senr. Conde, eu já não tenho pai.

DOROTHEU.

O que dizeis?

MARGARIDA.

Que deveis obedecer á vosso amo (*entra nos seus aposentos.*)

SCENA 6.^a

Dorotheu.

Pobre menina! (*fecha a porta por onde entrara Margarida.*)
Resta-lhe o terraço por homenagem; mas á noite não poderá com a vista devassar o prado que se estende a seus pés; é o mesmo; ella não tem olhos para ver e sim para chorar.

SCENA 7.^a

Dorotheu e Alfredo.

ALFREDO.

Aonde está meu pai?

DOROTHEU.

Deixei-o ha pouco na sua alcova.

ALFREDO.

E Margarida?

DOROTHEU (*apontando para os aposentos de Margarida.*)

Ali. Vosso pai está cansado de a ver chorar e, tendo hoje visitas, ordenou-me que a detesse até suas novas ordens.

ALFREDO.

Vou crendo que as minhas investigações são bem feitas e que a morte de Garibaldi, não passa de um artil inventado por meu pai, para arredar do coração de sua filha as ideias de amor.

DOROTHEU.

Raciocinaes melhor do que atiraes aos cabritos.

ALFREDO.

Os velhos são egoistas, pensão que o juizo é propriedade d'elles e que um joven não pode ter raciocinio! Mas, Dorotheu, apezar da minha pouca idade, tudo tenho observado, como se contasse os invernos e as primaveras que tens. Pelos olhos de consciencia, tenho visto, com imparcialidade, que o amor de Margarida a leva á sepultura se Garibaldi é morto; e se vive como creio—e ella consiga pertencer-lhe—ah! então a morte será a partilha de meu pai. Maldito tiro, errado tão fóra de proposito, foi aquelle que a primeira vez desparei contra o meu improvisado mestre.

DOROTHEU.

Chegastes tão a proposito... mas atiraes tão mal...

ALFREDO.

Entretido na caça, perdi-me de meu pai e uma flôr silvestre, chamou-me a ir colhe-la, como uma recompensa do meu trabalho perdido, como caçador. Eis se não quando, deparo com dois camponeses, sem que elles me vissem! Oh! apenas ouvi-lhes dizer: Garibaldi está no castello do Conde

Ransberg deixou a floresta e a flôr, corri a defender meu pai. Cheguei as galerias, Raphael saltava o eirado restava-me alcançal-o com um tiro—vós sabeis o resto.

DOROTHEU.

Ahi vem o Senr. Conde.

ALFREDO.

Vêde-o, Dorotheu, triste como um tumulo.

SCENA 8.^a

Dorotheu, Alfredo e Ransberg.

RANSBERG (*para Alfredo.*)

Cumpristes as minhas ordens?

ALFREDO.

Tudo está prevenido, como determinastes, meu pai.

RANSBERG (*para Dorotheu.*)

E vós?

DOROTHEU.

Nada me resta fazer.

RANSBERG (*para Alfredo.*)

Mal chegarem os Senrs. Lebreton, Ambrozzini, D. Genaro, Delavat, Masset e Laugeri, mandai-os entrar (*para Dorotheu.*) E vós não consentireis sob vossa responsabilidade, á pretexto algum, que pessoa alguma aproxime-se desta sala. Ide e que tudo seja como determinei.

SCENA 9.^a

Ransberg (*senta-se a mesa, revê papéis.*)

Em Vienna, distrahida, hade esquecer esse amor fatal. São

estes os tratados feitos com a Italia, depois da queda de Napoleão e Fernando está assignado assim como Sua Santidade Gregorio XVI, Carlos Alberto, Leopoldo II, o Rei de Napoles e os Duques de Modena e Toscana. A retificação destes tratados, importa na divisão da Italia e a Lombardia e o Lombardo-Veneziano, serão da Austria. Se o Senr. Lebreton conseguir esta retificação, tudo é vantajoso para a Austria. Entre estes representantes o Labreton hade prevalecer, embora o Senr. Laugeri, enviado pela Sardenha se opponha com todas as suas forças. Se o Senr. Lebreton tiver o triumpho... oh! jamais a guerra civil na Italia causará receios serios, como actualmente (*abrindo um pergaminho.*) Eis a carta imperial do meu perdão. Tenho a liberdade de regressar a Vienna; a minha innocencia patenteou-se e o Soberano generoso e sabiamente, houve por bem perdoar-me. Fui condemnado e sou absolvido, sem haver commettido delicto. Voltarei ás camaras do Imperador e um dia hei de desmascarar os meus dittractores... Ponhamos em ordem esta papelada... (*fica silencioso arrumando papeis.*)

SCENA 10.^a

Ransberg e Pedro.

PEDRO (*sem ver o Conde*)

O mestre Dorotheu não está cá, melhor. A entrega de um papel de um morto, para um vivo deve assustar muito.

RANSBERG (*a parte.*)

Pedro! O que pretenderá elle? (*o observa.*)

PEDRO.

A graça é que eu ia crendo na morte do endemoninhado, sem me lembrar que o diabo ajuda os seus. Eu tenho medo delle, que sou pelo... Bofé! Um homem que escapa de um tiro e de morrer aos golpes do Senr. Conde... eu nunca acreditei no assassinato de Garibaldi.

RANSBERG (*a parte.*)

Elle descobrio a verdade!

PEDRO.

É hoje, ao pôr do sol eu não me enganei, era elle. Pedro, disse-me ha pouco indo eu deitar milho aos cavallo, ó Pedro? Quem me chama? Vi um miseravel. Oh! conheci logo que era o meu amigo, que prometteu-me tirar a vida, como quem promette dar um mimo. Elle tem um modo de fallar (*olhando para o pulso*) que convence a gente e arruma-me esta carta nas mãos, ordenando-me de a entregar a D. Margarida.

RANSBERG (*a parte.*)

Uma carta a minha filha! Oh! se elle chega a descobrir-me, tudo estará perdido.

PEDRO (*com a carta na mão.*)

O mestre Dorotheu ignorará que (*vai a porta do quarto de Margarida, o Conde o agarra de surpresa*) eu sou o mensageiro.

RANSBERG (*agarrando-o.*)

Desgraçado!

PEDRO (*cae de joelhos.*)

Misericordia! mi...se...ri...cordia.

RANSBERG.

És um traidor! Dei-te agasalho em meu castello, cubri-te de beneficios, matei-te a fome, a sêde, o frio que te mortificava o corpo e pagas-me com uma acção negra!

PEDRO (*de joelhos.*)

Senr. Conde... sou um desgraçado... mas não um traidor. Elle jurou matar-me... oh! eu o temo, como o demo á cruz, eis porque obedecia as suas ordens. Tende compaixão de mim.

RANSBERG.

Silencio! Margarida está alli (*aponta para os aposentos de*

sua filha.) Falla baixo. Aonde está essa carta? (*Pedro dando a carta.*) Diz-me, ninguem a viu?

PEDRO.

Ninguem, porque eu mesmo sou um ninguem.

RANSBERG (*vai junto a luz, abre a carta e lê*)

«Teu pai que tema da minha vingança e espera pelo teu Garibaldi» (*representando.*) Pedro, eu te perdôo, mas tens de jurar-me, um segredo eterno sobre o que se passou. Garibaldi vive, mas deve passar para minha filha como morto, quando não!

PEDRO (*erguendo-se.*)

Compreendo-vos, Senr. Conde (*a parte.*) Chego a suar frio, eu sempre me metto em talas!

RANSBERG.

Se fores fiel, esquecer-me-hei do passado e serás sempre dos meus; mas, se ao contrario... ah! teme da minha colera.

PEDRO.

Eu vos juro, Senr. Conde que...

RANSBERG.

Deixa-me.

PEDRO (*saindo.*)

Que dia aziago para mim!

SCENA 11.^a

Ransberg.

Quanta audacia! Escrever a minha filha! Ameaçar-me, como se d'elle eu pudesse temer. Felizmente Pedro, descobriu o trama que a sua simplicidade não pode occultar-me. Certa-

mente a Divina Providencia começa a proteger-me (*queimando a carta tomada á Pedro.*) Nas cinzas sepulte-se o segredo que eu quizera só possuir, mas amanhã deixarei a Italia . . . e as suas guerras civis. Que importa o rugir do tigre, que mortalmente ferido, rola pela terra?

SCENA 12.^a

**Ransberg, Lebreton, Laugeri, Ambrozzini, Masset,
D. Genaro, Delavat e Alfredo.**

LEBRETON (*para Ransberg.*)

Meu caro Conde . . .

RANSBERG (*para Lebreton.*)

V. Exc.^a (*para Ambrozzini*) Senr. Cardeal.

LAUGERI.

Senr. Ransberg o vosso castello é magnifico. Ainda são restos que recordão os tempos feudaes, o mando e o poderio dos antigos Ransbergs.

LEBRETON.

Nos tempos felizes que já passarão para a bella Italia.

LAUGERI.

Ainda bem que lastimaes, Senr. Lebreton, a perda desses bellos tempos; mas consolai-vos, que outros melhores estão reservados para a Italia, nos arcanos do fucturo. Eis-nos reunidos em segredo, no castello do Senr. Conde Ransberg, certamente não havemos causar suspeitas á aquelles que nos podem tomar contas. Não conheço Estado algum mais amigo e protector da Italia, de que a Austria. O governo de Vienna mostrou mais uma vez a sua sabedoria (*risonho*) nomeando V. Exc. para advogar os seus interesses, neste congresso clandestino, no qual temos de jogar. . . Desculpe-me a franqueza; mas ha jogo em tudo. Este mundo é assim, não podemos indireital-o.

LEBRETON.

Senr. Laugeri, não estamos sós.

LAUGERI (*para Alfredo.*)

Este bello rapaz tem o typo dos Ransbergs.

RANSBERG.

É meu filho (*para Alfredo.*) Alfredo deixe-nos por algum tempo.

ALFREDO.

Obedeço-vos, Senr. (*sae.*)

SCENA 13.^a

**Ransberg, Lebreton, Laugeri, Ambrozzini, Masset,
D. Genaro e Delavat.**

LAUGERI (*para Ransberg.*)

Gostei da phisionomia do vosso filho, tem um olhar vivo e expressivo. É o vosso herdeiro?

RANSBERG.

É verdade, será o herdeiro da minha fortuna e nobreza.

LEBRETON (*para Ransberg.*)

Recebestes o perdão do nosso Soberano?

RANSBERG.

Graças ao imperador, posso deixar a Italia.

LAUGERI.

Folgo muito que o vosso desterro tivesse fim. Sem duvida que o imperador Fernando, escolhendo este castello, para

a reunião do congresso secreto, devia remunerar o seu proprietário com o perdão de suas culpas. Não é assim Senr. Lebreton? O vosso soberano não absolveu o Sr. Ransberg de seus peccados velhos? Quasi sempre os monarchas principião por crucis e acabão sendo justiceiros. Fernando d'Austria deu um exemplo.

LEBRETON.

Senr. Ransberg, o tempo corre veloz e não o devemos perder. Toda demora nestes negocios pode vir a ser prejudicial a...

LAUGERI.

A Austria.

BANSBERG (*offerecendo a cadeira do tópo da meza a Lebreton.*)

Sentai-vos Senr. Lebreton. Senrs. occupai os vossos assentos. Senr. Cardeal Ambrozzini a direita do Senr. Lebreton, e vós outros meus Senrs., tomai assento (*todos sentão-se e falta uma cadeira para Laugeri.*) Meu Deus! e o Senr. Laugeri?

LAUGERI (*sentando-se fóra da mesa a um lado em uma cadeira commum.*)

É o mesmo, Senr. Conde, não contaveis com o representante da Sardenha, elle aqui é de mais, ainda mostrastes maior contrição no rimir dos peccados velhos e deveis esperar o titulo de Marquez em retribuição. Meus Senrs. o lugar me é indifferente, assim como a causa de que vamos tratar, é indifferente a meu soberano. Carlos Alberto sabe cabalmente, que o Piemonte é tido como uma côrte pequena, de quasi nenhum interesse ou influencia na balança da Europa, mas já que contemplastes seu reino, compete-me, como enviado a esta missão, advogar os interesses da Sardenha e d'aqui, separado de vós, defenderei os direitos do meu rei, da minha patria, áfim de que não sejam prejudicados na divisão das prezas. Lembro-vos, Senr. Lebreton, que estaes representando perfeitamente o papel de leão, da fabula. A Italia é a preza, nós outros pobres cordeiros, o que teremos em partilha? O Senr. Conde de Ransberg esteja tranquillo, que a tranquillidade não se hade alterar por causa de uma cadeira no centro do congresso.

RANSBERG.

Deveis ser indulgente, não foi de proposito.

LAUGERI.

Não exijo desculpas, deste lugar isolado, asseguro-vos que represento perfeitamente a Sardenha; oh! ella representa de ré diante á seus juizes, é marcha deste mundo; hoje por mim amanhã por ti, talvez que ao correr dos annos o herdeiro de Carlos Alberto, chame seu reino toda a península do Mediterraneo ao Adriatico.

TODOS.

Nunca!

LAUGERI.

Não vos inflameis, Senr. Lebreton, porque a Lombardia e a Veneza ainda não estão reunidas, a Napoles, Scilia, Modena, Roma, Toscana e Parma, estas a Sardenha. Demos tempo ao tempo e os vindouros que decidão se não prophetisei bem, sendo a capital do reino da Italia, a antiga córte dos Cezares.

TODOS.

Nunca! Nunca será!

LAUGERI.

O fim da nossa reunião é outro, vejo que os encommendo e o tempo corre veloz, como ouvi ha pouco dizer o Sr. Lebreton. A diplomacia deve tomar o lugar que lhe compete e sejamos laconicos, como devem ser aquelles que assignão de cruz, com tanto que a Austria fique saptisfeita e os mais, que curem a si, como puderem. A Sardenha não se quer comprometter; Deos a livre disso. Basta as accusações que tem soffrido por ser considerada protectora de um infeliz italiano—chamado José Garibaldi, que tem em Vienna a cabeça em almoeada. Esse infeliz, filho de Nizze, anda repellido de todos e de todos perseguido... e segundo disse-me vosso filho Senr. Conde Ransberg, é morto o formidavel caudilho, não é verdade?

RANSBERG (*atrapalhado.*)

Corre esse boato... batemo-nos... e ferido mortalmente...

LAUGERI.

Deveis saber se é certo, porque bateste-vos com elle e saístes vencedor, deixando morto o adversario; é isto o que me disse o vosso filho.

LEBRETON (*erguendo-se.*)

Morto Garibaldi!

RANSBERG (*animado.*)

Senrs., Garibaldi... matei-o (*a parte,*) Meu Deus! (*alto*) em duello.

LAUGERI.

E a sua cabeça? Valia tanto!...

LEBRETON (*sentando-se.*)

Está a Italia livre d'esse perverso anarchizador? Será realidade?

RANSBERG.

Sur. Lebreton (*dando-lhe papeis*) aqui tendes os tratados de 1815, em occasião opportuna revelar-vos-hei a morte de Garibaldi.

LEBRETON.

Estamos reservados de curiosos que nos oiçam?

RANSBERG.

Aqui vos garanto que podeis discutir livremente sem desconfiança de serdes ouvido.

LEBRETON.

Senhores, é do interesse da Italia. . .

LAUGERI.

Sede franco, da Austria dizeis melhor Sr. Lebreton. Gastaes tanto a Italia só para poupardes a Austria.

LEBRETON.

Sr. Laugeri, a guerra civil que assola a Italia, a enfraquece e aniquila, perde as forças e cae no abatimento, do que se segue a ruina, e os italianos não podem progredir nas suas obras, tudo ficará perdido. Fernando, meu Senhor, não pode, não quer, e nem deve consentir que, a Lombardia e Venesa sofram os mesmos males de que estão sujeitas Palermo, Milão e Roma. Elle já está cansado de supportar este mal terrivel que a Sardenha não cura nem combate. A guerra irrita os povos e estes passam a desobedecer a seu rei. Vós mesmo, Sr. Laugeri, deveis confessar que o Piemonte não se eleva nem augmenta, não floresce nem se torna poderoso, porque o tempo é pouco para o vosso rei cuidar de politicar, ficando inerte e indifferente á guerra da Italia.

LAUGERI.

Ha um meio de tirar o encommodo e pezadello, que soffre o vosso rei.

LEBRETON.

Indicai-o.

LAUGERI.

Deixem a Italia formar uma só nação. Verão então o que é uma potencia.

LEBRETON.

A vossa ideia é geral na Sardenha. É absurda !

LAUGERI.

É um sonho que talvez se realize um dia.

LEBRETON.

Senrs., o nosso fim, é curar este cancro que corroe a Itália e que deve mata-la.

LAUGERI (*à parte.*)

Ainda não haveis de triumphar, o morto ressuscitará!

VOZES (*fóra.*)

Fogo! Fogo!

TODOS.

Fogo! (*os diplomatas ficão alvorotados.*)

RANSBERG (*indo ao fundo e volta cheio de temor.*)

Que vejo! fogo no meu castello!

SCENA 14.^a

Ransberg, Lebreton, Laugeri, Ambrozzini, Masset,
D. Genaro, Delavat e Alfredo.

ALFREDO (*para o pai.*)

Senr., o fogo parte do pavimento terreo, vosso castello vai ser devorado pelas chammas.

RANSBERG.

Oh! Garibaldi! é a tua vingança!

TODOS.

Fogo! Soccorro! Soccorro!

SCENA 15.^a

Ransberg, Lebreton, Laugeri, Ambrozzini, Masset,
D. Genaro, Delavat, Alfredo, Dorotheu, Pedro e Cria-
dos com preparos para extinguir o fogo.

DOROTHEU (*governando os criados.*)

Correi, derrubai a parte incendiada que estiver em contacto
com livre (*para o Conde*) Senr. Conde... fugi... o fogo não
tardará aqui.

(Nesta scena veem-se os criados de um lado para o outro, esfalfados de cansaço; o
fogo já clareia a sala, e osino toca sempre rebate.)

RANSBERG.

Deixai-me! oh! quero morrer!

ALFREDO (*o contendo*).

Meu pai e vossos filhos?

RANSBERG (*delirante*).

Meus filhos! ah! Margarida! Quem salva minha filha?

LAUGERI (*agarrando a papelada da meza*).

Eu salvarei a Italia (*aparte*).

ALFREDO (*indo para o quarto de Margarida*).

Oh! Eu salvarei minha irmã.

SCENA 16.^a

Ransberg, Lebreton, Laugeri, Ambrozzini, Masset,
D. Genaro, Delavat, Alfredo, Dorotheu, Pedro, Crea-
dos e Garibaldi com Margarida.

GARIBALDI (*abrindo a porta do aposento de Margarida, a traz
consigo debaixo da capa com que se cobre, e esta o acompa-
nha como um automato. Garibaldi com o chapéu dezabado,
todo de preto, pára no fim da scena que tem atravessado, e
volta-se para todos.*)

Conde Ransberg as tochas nupciaes estão ardendo, deixai
passar Margarida e seu esposo Garibaldi.

TODOS.

Garibaldi!

RANSBERG.

Nunca! *(Vae atravessar-se diante de Garibaldi, apparecem os Garibaldinos, abrem passagem para Garibaldi e Margarida.)*

GARIBALDI.

Conde Ransberg, eis a minha vingança.

RANSBERG.

Ah!

TODOS *(a fugirem).*

Fogo! fujamos! fogo! *(todos fogem. Laugeri fica por último.)*

LAUGERI *(lançando os papeis ao fogo).*

Ainda d'esta vez, salvou-se a Italia!

(Durante este final os soccorros para apagar o fogo não é interrompido e no fim, veem-se chaminas e labaredas apparecerem em scena.)

FIM DO 2.º ACTO.

QUADRO UNICO.

O INTERRO.

Catacumbas dos Ransberg. No centro vê-se um tumulo illuminado por uma lâmpada. Durante este quadro a muzica acompanhará com harmonias proprias, das scenas que se seguem.

SCENA 1.^a

Dorotheu e Pedro (com medo).

PEDRO.

É aqui a triste morada dos mortos... e das aves agoureiras que, em alta noite, percorrem a terra, esvoaçando sobre nossas cabeças... Jesus! (*benze-se.*) Mestre Dorotheu, neste lugar só os mortos podem estar, sem que se lhes arripie os cabellos... Eu não nasci para lidar com defuntos (*observando a scena.*) Parece-me estar sempre a ouvir vezes sepulchraes... a sentir passos arrastados.

DOROTHEU (*que tem estado junto a eça.*)

Tudo está concluido! Pouco falta para termos acabado com as ultimas homenagens devidas a essa creatura celeste. Estas catacumbas, o fogo que devorou parte do castello, não ousou ennegrecer com o seu fumo esta santa morada.

PEDRO.

Ainda o mestre Dorotheu recorda-se d'esse incendio? Foi a fatal vingança do... do esposo da nossa chorada Senr.^a

DOROTHEU.

Já passarão-se dois annos, e o que no decorrer de seus dias não presenciámos nós? O Senr. Conde Ransberg estaria ha

muito em Vienna, na côrte de seu soberano, se Garibaldi, n'aquella noite terrivel, não entrasse pelo terraplanamento do castello, não invadissem os aposentos de D. Margarida, em quanto os seus amigos e companheiros, lançavão fogo ao castello!

PEDRO.

Quasi, mestre Dorotheu, que morriamos como S. Lourenço.

DOROTHEU.

O imperador d'Austria de novo accreditou nas relações que accusavão ao Senr. Conde, de entreter com Garibaldi e o casamento de sua filha com o seu raptor, a perda dos tratados e papeis que a Austria confiára ao Senr. Conde, tudo concorreu para ser elle de novo desterrado, sob pena, de ser preso, se ousasse desobedecer ao monarcha. Oh! sou o confidente, o amigo que o Senr. Conde tem e a quem confia suas magoas, desabafa seu coração....

PEDRO.

É aqui que... sim... a menina tem de habitar nestas catacumbas. Pobre menina! Seu marido tanto a amava. E ella? Ella morreu de amores por elle!... Parece-me ouvir o piar dos mochos... não sei o que sinto... eu não estou tranquillo... ouço gemidos... Santo Breve!... Aqui ha almas do outro mundo!

DOROTHEU.

Custa-te muito esperar pela defunta? Vejo que és um valentão?

PEDRO.

Com os mortos não... eu quero... sim... quero antes... mestre Dorotheu, não desejo ser um Garibaldi dos defuntos.

DOROTHEU.

Sempre Garibaldi! O que será d'elle com este golpe?

PEDRO.

Como o carvalho, que o tufão parte e cae por terra, o golpe que recebera, devia-o aniquilar tambem...

DOROTHEU.

O Sr. Conde, perdoando sua filha, devia ser generoso para com o esposo de D. Margarida. Oh! talvez que ella não tivesse de soffrer a morte que veio ceifar para sempre essa linda flôr.

PEDRO.

Mestre Dorotheu, o lugar não é proprio para...

DOROTHEU.

Tens razão. E que remedio temos a dar, com estas reflexões? D. Margarida, andou errante, seguiu a má sorte de seu esposo, do pai de seu filho... Oh! o destino a tinha preparado para tudo (*chorando*) até para morrer na flôr dos annos!

PEDRO.

Ella andava tão doente!... Sabe, mestre Dorotheu, todas as vezes que as occultas ia fallar com ella, sempre encontrava nos braços do esposo, com o fructo do seu amor no collo.

DOROTHEU.

O odio do Sr. Conde a Caribaldi, era menor do que o amor que tinha a sua filha a seu esposo. Devia ter sido mais indulgente, porque Christo morreu perdoando os seus algozes... O Sr. Conde mostrou que era um verdadeiro Austriaco.

PEDRO.

Deixemos os mortos em paz. Agora vejo-vos um verdadeiro italiano... revivem em vós aquelles soldados de Napoleão.

DOROTHEU.

Tens razão, Pedro, a amisade e a confiança que me dedi-

cário os Ransbergs, fizeram-me tedesco e a patria que não perdoe. Vamos, Pedro, encontrar o feretro; elle não pode tardar (*entra Garibaldi e occulta-se pelos tumulos*) vamos, Pedro.

PEDRO (*assustado.*)

Hum? . . . parece-me sentir pisadas! Não sentistes, mestre Dorotheu? . . .

DOROTHEU.

É a tua imaginação. . .

PEDRO.

A minha imaginação! Santo Deus! valei-me.

DOROTHEU.

Segue-me.

PEDRO.

Por minha vida, não gosto destes lugares. (*acompanhando Dorotheu*) Elles serão feitos para os mortos. (*saem*)

SCENA 2.^a

Garibaldi (*com o chapeo desabado e todo de preto, palido e meio desorientado. Observa a scena e resolutio.*)

Tenho esta cabeça em fogo! a dor tortura-me o coração e dilacera-me a alma, magoada de tantos soffrimentos! Margarida! Margarida! . . . Já não me escutas, não accedes ao reclamo do teu esposo, do pai de teu filho! Oh! Morta! morta! quanto sou desgraçado. (*cae sentado e abatido nos degrãos da ęca*) Para sempre perdida! perdida! Oh! Garibaldi, para que te serve a vida? (*ergue-se*) E meu filho? O filho de Margarida? O nosso terno e mimozo filhinho. Esse penhor de um amor puro, abençoado no céu por Deus? Esse filho do meu primeiro amor, que Margarida dei-

xára como um penhor, como uma lembrança dos seus affectos? Oh! e ha tres dias que o deixei entregue a estranhos que o amão como se fosse um filho d'elles: Garibaldi, sê homem. Supporta a dôr e os martyrios das saudades, como os revezes da guerra, não soltes um ai, um queixume, imita aquella que para te ver feliz com sorriso nos labios abafava a dôr do coração. Sê homem, nestas occasiões, como és no meio do perigo, na lucta, no combate de morte que de continuo sustentas pela patria. Vive para teu filho em memoria d'aquella que perdeste (*depois de algum silencio.*) Ah! como custo resignar-me com a má sorte que me cerca! (*reparando no tumulo.*) É aqui o lugar destinado pelo Conde Ransberg, para o eterno repouso de sua filha. Estas são as catacumbas dos seus antepassados, mortos na Italia. Morada dos mortos, Margarida não pode habitar aqui, não, este jasigo não lhe serve, para dormir o somno eterno. Fidalgos que a morte anniquitou, não vos ergais desse tumulo, porque debalde vos opporeis aos meus intentos. Não é entre vós, grandes, ricos, nascidos de uma raça fidalga e nobre, que a esposa de um filho do povo deve repousar, não! Conde Ransberg, não desperteis vossos antepassados com a sepultura, de uma filha degenerada, oh! não queiraes macular os brazões destes vossos ascendentes, não, que Garibaldi não vos deixará macular os titulos de vossa nobreza. Estas catacumbas, escapadas das chammas assopradas por mim e que destruindo parte deste castello não o reduzio todo a ruinas, não devem receber os restos mortaes de Margarida; não! ella terá a cova aberta pelas mãos do esposo em lugar deserto, tendo por abebada o céu recamado de estrellas, aonde a viração bateje com os perfumes de que se embalsamão, nos floridos bosques da Italia. Ella era livre, viveu entre os homens livres, como livre deve ser sepultada, não entre escravos despoliticos, mas entre soldados da liberdade! (*depois de uma pausa.*) Ah! meu Deus! tende piedade de mim! (*recostado no tumulo.*) Ainda a tenho candida e formosa ante meus olhos! O sorriso roça-lhe pelos labios, como a aragem pelas petalas das flores! Seu pai a perdoou! (*raivoso*) recebeu-a em seus braços! reteve-a junto a si... recebeu o seu ultimo suspiro! Oh! e eu! errante pelos bosques, occulto no seio da terra, ancioso e afflicto por saber d'ella. Oh! Conde Ransberg, quanto somos inimigos! Contra tua vontade, esposei-me com aquella que contra minha vontade, voltou a ver-te neste resto do castello, escapado ao fogo a que o entreguei. O amor de filha bati-lhe no coração, como ordenando-lhe receber a benção paterna. Não me oppuz a isso; mas um dia... poucos hão

deccorrido, visitando aquelle, que me odiando, paga uma dívida, ahí, cahida, prostrada, deixou a terra, para habitar o céo. Margarida! Quanto soffreste meu anjo, minha amada Margarida! Ha dois annos que os nossos desejos, os nossos pensamentos, erão o mesmo! Soffrias resignada e viçosa, cheia de vida, supportavas as intemperies! Quando o nosso terno e amado filho, sombrio e triste, me perguntar: o que fizeste de minha mãe? Apontarei para o céo e minhas lagrimas serão uma eloquente resposta. Margarida morta! Oh! quanto sinto arquejante este peito, incansavel nas luctas e vencido no amor! Os tormentos da guerra, os sei supportar, mas estes! Oh! correi, minhas lagrimas, correi livremente, que não me aliviaes as magoas que me partem as fibras do coração! Oh! minha alma lucta e tem de dobrar-se aos golpes desta perda, que me leva as esperanças todas! Margarida, Margarida! (*delirando.*) Ella! A flôr mais bella da natureza! a melhor obra de Deus! Morta! Morta!... Mentis!... Mentis!... como um austriaco que sois!... mentis, Conde Ransberg, ella vive; guardai a mentira para com ella adquirirdes titulos e nobreza entre os vossos! Mentis!... Ella vive!... vive, para o seu esposo, para seu filho, para o nosso amor. Não te creio espectro dos tumulos, volta a tumba, que eu não te creio... Não vês? Seus olhos, sentillão como estrellas em limpido céo... Não vês? Ella sustem no regaço o filho adormecido ao som de sua voz melodiosa entoando canticos de harmonia. Oh! ella verte lagrimas saudosas sobre essa criança que surri como um anjo. Não sentes? Ah! é Margarida que acalenta seu filho, meu filho... escuta... um gemido!... Oh! outro! meu Deus! como são do peito desprendidos! Uma dôr a mortifica! Margarida! Ella soffre! Meu Deus! tende piedade de minha esposa... de Margarida! (*cae nos degrãos do tumulo extenuado.*) Aonde estou?... Sepulchral silencio! Apenas a frouxa luz desta lampada dardeja seus fracos raios neste pavimento triste e melancolico! (*erguendo-se.*) Coragem Garibaldi. Não te deixes vencer cobardemente. Sinto ao longe passos que se approximão... (*escutando*) Ouço já os canticos funebres (*ouve-se ao longe cantar memento.*) Ah! são elles que conduzem os restos de Margarida! É o esquife da morte que traslada o corpo para o repouso eterno! Ah! mortos sepultados nestas catacumbas! Ransbergs! Dormi nos vossos tumulos. Margarida não vos despertará do vesso somno (*sae, por entre os tumulos.*)

SCENA 3.^a

Ransberg, Alfredo, Dorotheu, Pedro, (mulheres e aldeões, estes com tochas e aquelles com cestos com flôres e quatro criados conduzem o esquife com Margarida dentro, amortalhada de branco. O esquife descança no centro do theatro e Dorotheu abre o tumulo com Pedro. No meio das rezas as camponezas cobrem o corpo de Margarida de flôres; depois algum silencio.)

RANSBERG (*junto ao esquife.*)

Filha! Filha! (*chorando.*) Quanto é custoso este momento de eterna separação, de uma separação dolorosa para teu pai! A perda é grande, quanto é grande a minha dôr! Amei-te, como podia um pai extremoso amar a uma filha, que tão cara lhe era. Estas lagrimas que sobre teu corpo inanimado verto, são do coração arrancadas pela pungente saudade de deixarte! Oh! é um pranto triste, saído da alma! Aqui, já não está o Conde de Ransberg orgulhoso e altivo e sim o pai constricto e acabrunhado pela terrivel realidade do nada! Margarida! Minha filha! Pallida! fria! amortalhada no esquife. Oh! meu Deus!

ALFREDO (*junto ao Conde.*)

Lembraí-vos, meu pai, de que ainda tendes o vosso Alfredo, para vos amar. A resignação foi o maior exemplo que o nosso Redemptor deixou na cruz. Resignação meu pai!

RANSBERG.

Resignação! Queres que cesse o meu pranto de correr, que a dôr não continue a magoar-me, que a saudade de todo desapareça? Não vês tua irmã, minha filha Margarida, morta, como o jasmim, que o furacão arrancou da haste? Como pedes e queres resignação em teu pai? De teu pai, que vê submergida em um tumulo as suas mais caras esperanças! Margarida! Filha de minha alma, espera por teu pai... sim... Elle reunir-se-ha a ti e a tua mãe... ao lado de quem repousas lá no céo (*abençoando a filha.*) Deus te perdôe e te receba na sua celeste morada; que teu pai cobre teu corpo de bençãos muitas (*beija o feretro de Margarida.*) Adeos! adeos! (*deixa sustido por Alfredo, o esquife aonde estava junto.*) Ah! quanto soffro!

DOROTHEU.

Senr., permitti que o tumulto apodere-se do corpo que só a elle pertence.

RANSBERG (*suspirando.*)

Ah! Reccha a terra seu corpo, que sua alma, veando a mansão dos justos, deixou-me infeliz, neste mundo de illusão e vaidade. Dorotheu, e vós todos, meus amigos, dai á sepultura de seus avós a aquella, que me roubárão em vida, mas que não me hão de roubar depois morta.

SCENA 4.^a

Ransberg, Alfredo, Dorotheu, Pedro e Garibaldi.

GARIBALDI (*apparece pallido como um defunto, coberto, com o chapéu desabado e envolto em longa capa, chega ao esquife, sustem nos braços o corpo de Margarida e corre com ella.*)

Margarida pertence a Garibaldi (*foge com a defunta, deixando a todos sorprendidos.*)

TODOS (*admirados.*)

Garibaldi!

SCENA 5.^a

Ransberg, Alfredo, Dorotheu e Pedro.

RANSBERG (*tornando a si.*)

Ainda este homem! Sigão-me todos! Oh! seja preso! Quero a minha filha... a minha Margarida... Vamos, meus amigos... com o peso do cadaver seus passos serão custosos e nós o podemos prender e de seus braços arrebatá-lhe min ha filha... partamos!... partamos! (*sae asselerado.*)

TODOS (*o seguindo.*)

Partamos! Partamos!

DOROTHEU (*segue.*)

Grande Deos!

PEDRO (*por ultimo.*)

Longe vai elle, certamente ou Garibaldi é o diabo, ou o diabo é Garibaldi (*sae medroso.*)

FIM DO QUADRO UNICO.

ACTO III.

OS GARIBALDINOS.

Montanhas divididas por manso regato, que é atravessado por uma ponte de madeira toscamente arranjada. Na baixa de uma montanha, chegada á scena, vê-se uma gruta occulta em parte por verdejante arvoredo. No centro do theatro gigantesca e frondosa arvore se levanta, deixando grossas raizes fóra da terra. E' quasi noite, o bosque torna-se sombrio, triste e silencioso.

SCENA 1.^a

Giacomo (saíndo da gruta.)

Pobre creancinha ! ainda dorme o seu somno de innocencia, tranquilla como um anjo aos pés da virgem. Não sabe do que vai pelo mundo. Ainda no berço e já tão infeliz. Quem sabe, se como seu pai não tem elle de ser educado por um cura? A fatalidade que sellou a Garibaldi como um homem singular, talvez fizesse o mesmo ao filho d'elle. Garibaldi nasceu no meio da procella enfurecida, o seu primeiro berço foi um fragil batel, que servia de ludibrio ás ondas, que com o furor do temporal o balançava nas vagas encapelladas do mar. E esta pobre criança, nasceu entre os rochedos, que primeiro pesarão sobre ella, como se fóra o mundo que o comprimira ! Adormecido pelos canticos das aves selvagens, no frescor da briza, que suave corre por estes alcantins desertos, dorme na gruta de seus pais, no berço de palha que lhe adornamos com flores collidas nas florestas. Ah ! se Garibaldi ouviu primeiro o estampido do trovão que reventava pelas celestes regiões; se viu primeiro a luz dos relampagos, do que a claridade do sol; se sentio primeiro a tempestade dos elementos em lucta sobre a terra, despejando raios; se primeiro passou pelas provas dos perigos do que pelas caricias paternas e os affagos de . . . carinhosa mãe, esta criança não é menos . . . infeliz, do que fóra seu pai. Elle primeiro ouviu o fusilar das armas austriacas, o sibilar das ballas dos oppressores da Italia, do que a voz materna !

Sentio primeiro o perigo da guerra, do que os beijos paternaes! Garibaldi, não devia ter amado, senão a sua patria. Elle nasceu para libertar ou morrer martyr por ella e não para aos pés de uma dama esquecer-se dos deveres que Deus lhe impuzera na terra. E o que será feito d'elle? Ha tres dias que deixou-nos e errante circunda o castello queimado, do Conde de Ransberg como a borboleta volteia a chamma, sem ver que ella a pode queimar. A morte de sua estremosa esposa, o restituirá a nós. Infeliz Margarida (*choroso.*) E seu filho já orphão! orphão! sem as suas caricias. Ah! semblante juvenil e alegre era o della, quando o tinha no collo. Infeliz Margarida! A sua enfermidade repentina, quando visitava seu pai, transtornou por tal forma a cabeça do nosso capitão, que desaparecêra sem deixar vestigios seus. Garibaldi ha soffrido muito, e esta vida que o tem amestrado nos combates, o tornará o Schamyl dos Italianos. Mas a morte de sua esposa rouba-lhe o juizo e perde aquelle homem guerreiro. Talvez que á noite volte a ver seu filho, depois de ter orado sobre o tumulo da esposa que tanto amava. Sepultada hoje, deve regressar a estes lares a ver seu filho... e seus amigos. Pobre Margarida! Elle muito que a amava. E ella! Ella que a seu lado supportava toda sorte de privações, por mais que tentasse disfarçar os males que a vida torbulenta dos martyres da Italia, lhes offerecia de continuo! Seu esposo perseguido pelo terrivel ostracismo que assassina o mais robusto defensor da patria, não lhe podia offerecer paz e tranquillidade. E ella?... alegre sempre, sempre nos braços d'elle, não soltava um ai, um só queixume, uma só lamentação, oh! quanta resignação! quanto amor! Afagava os encommodos da vida com sorrisos apaixonados e ternos! Garibaldi tudo empregava para adoçar a existencia assim passada de sua Margarida, nestes valles, mas os malditos austriacos o encommodavão muitas vezes. Sentados nas alterosas raizes desta frondoza arvore, logravão horas de prazer, que nos contentava a todos, que os viamos felizes por alguns rapidos momentos. Quantas vezes os repentes de Margarida não salvou-nos a todos? Uma tarde estavamos sentados á beira d'aquelle regato, que se deslisa docemente entre esses montes e serras, quando uma folha secca da arvore, pelo vento arrancada, veio cahir-lhe no collo, Margarida assustou-se, ergueu-se e disse — occultemo-nos! Esta folha avisou-me de que os austriacos se aproximão de nós e nos farejão como cães perdigueiros. Assim foi. Occultemo-nos n'aquella gruta e observamos por algum tempo os soldados

austriacos atravessarem o rio a nado, porque a ponte que tem, nós a occultamos. N'aquella gruta metidos perdemos tão azada occasião para aniquilar aquelles tedescos infernaes, mas Margarida estava grávida . . . e por ella deixamos de dar uma lição aos taes tratantes. Não houve combate, graças ao melindroso estado da nossa companheira. Margarida, ha dois annos, vivia comnosco! oh! pobre bonina que cortada marchastes e para sempre! (*indo a gruta*) Ainda dorme. O sol não tarda a sumir-se e Garibaldi sem voltar. Que novas traráõ os nossos amigos. Elles ahi vem.

SCENA 2.^a

Giacomo, Belchió, Mani e Montaldi.

BELCHIÓ (*com uma cêsta com flores.*)

Debalde o procuramos nos pontos mais conhecidos do capitão. Não podemos dar com elle, mas no entretanto apanhamos quantas flores encontramos pelos bosques para com ellas adornar o berço do nosso pupillo. Diz-me Garibaldi já veio?

GIACOMO.

Ainda não.

BELCHIÓ (*deixando a cesta junto a arvore.*)

E Pannizi, Daverio, Melama e Mameli?

GIACOMO.

Todos procurão por aquelle que Vmcs. não encontrarão.

BELCHIÓ.

Talvez sejam mais felizes do que eu, Mani e Montaldi que nada conseguimos. Mas é porque o nosso capitão occultou-se debaixo da terra (*deixa as armas, o mesmo fazem Mani e Montaldi.*) Mas havemos de o ver ainda, se o demonio não o tragou (*traz o cesto com flores.*) Giacomo, estas flores são, para adornar a caminha do nosso pecurruxinho, do nosso Ga-

ribaldinho (*Giacomo recebe a cesta e colloca de um lado da scena.*) O máo é ainda não estar no ninho a ave desertada... essa aguia que esvoaçando, anda sem norte pelos ares.

GIACOMO.

Seu vôo, foi desorientado, receio não perca o pouso. Se a dôr de haver perdido a nossa companheira, sua esposa, concorresse para prendel-o...

BELCHIÓ.

Não conheço gaiola que resista a tão valente passarinho. Com tudo esperemos pelos nossos amigos e se elles não trouxerem o nosso capitão, é a nós que compete descubri-lo. Estamos como um corpo sem cabeça, não é possível este estado actual. Se Garibaldi está preso, devemos libertal-o, ou morrer com elle.

GIACOMO.

Ahi vem Panizzi e Daverio!

BELCHIÓ.

Ceos! e Melani e Mameli todos sem elle!

SCENA 3.^a

Giacomo, Belchió, Mani, Montaldi, e Panizzi e Daverio vindos de um lado e **Melani e Mameli** do outro, que atravessão o rio, na ponte que se vê. Todos armados.

GIACOMO.

Oh! meus amigos e elle? Garibaldi?

MAMELI.

Eu e Melani nada adiantamos, nem vestigios vimos que denunciassse a passagem do nosso capitão. Nem rastos delle!

A mais sagaz raposa, não foge do caçador que a procura, com tanto tino, como Garibaldi foge de nós.

PANNIZZI.

A mesma sorte tivemos; pelo gosto de Daverio, ainda estaríamos a procura do capitão. A noticia da morte de Margarida, que nos deu Pedro, o confidente secreto de Garibaldi, no castello de Ransberg, animou-nos a regressar ao acampamento, julgando encontral-o aqui. O que é mais singular, meus amigos, é que nem no castello tem apparecido ! Pedro não o via a tres dias, como nós o não vemos. Os nossos semblantes indicão a nossa consternação, mas isto deve acabar.

GIACOMO (*triste.*)

Partir ! Partir sem dizer adeos aos amigos ! Sem abençoar seu filho ! Sem prometter um dia libertar a patria ! . . .

MAMELI.

Amigos, de novo farejemos por toda a parte, como fazem os austriacos em nossa procura; entreguemos o céu, a terra, tudo ! tudo seja devastado e se elle estiver preso, se nos carceres lutar com o despotismo dos opressores da patria, nós somos bastantes para quebrar-lhe os ferros, dar-lhe liberdade, liberdade que elle pensava em dar a todos nós. Oh ! que poder ha de resistir a homens resolutos e destimidos como nós !

BELCHIÓ.

É quasi noite. Margarida devia sepultar-se nas catacumbas de seus maiores e talvez que o encontremos, como estatua da dôr, cahido sobre o tumulo da esposa.

TODOS (*armando-se novamente.*)

Partamos ! Partamos !

GIACOMO.

Trazei-me o pai do nosso anginho querido. Ide, meus amigos, e o dedo de Deus vos conduza, como a estrella dos Magos.

MAMELI (*prompto para seguir.*)

Giacomo, cuidado com o nosso refem. Essa criança é a garantia que temos.

BELCHIÓ (*preparado.*)

Sentido com o menino, não o deixes soffrer, elle nos está hypothecado... é um rico penhor, juro que vale muito.

GIACOMO.

Eu velarei sobre elle, como ha tres dias hei feito, como se eu fôra seu pai. Adeos (*vão todos a partir e recuam espavoridos.*)

TODOS.

É elle! É elle!

SCENA 4.^a

Giacomo, Belchió, Mani, Montaldi, Panizzi, Daverio e Garibaldi.

GARIBALDI (*traz nos braços o corpo de Margarida, e com o precioso fardo atravessa a ponte e vem cahir extenuado junto a grande arvore.*)

Água! Água! Tenho sede que me abrasa, que me queima, que me devora o peito! Água!

MAMELI.

Meu Deus! (*corre a ver agua.*)

GIACOMO.

É Margarida, que elle conduz nos braços!

BELCHIÒ.

Capitão, o que fizestes?

GARIBALDI.

Aonde está meu filho?

MAMELI.

Dorme. Aqui tendes agua (*dá uma vasilha de barro com agua.*)

GARIBALDI (*bebendo com ansiedade.*)

Oh! a sede ia matando-me.

GIACOMO.

Ha tres dias que nos deixastes e debalde vos temos procurado por toda parte.

GARIBALDI.

Ha tres dias! Oh! ha pouco mais ella me deixára para morrer longe de mim, do seu esposo! Meu filho dorme, não é assim? Oh! não o desperteis. É feliz, não sente a dôr que supporta seu pai. Eis sua mãe, Margarida! o meu primeiro amor! morta! Margarida tambem dorme... Oh! não a desperteis tambem... Ella dorme! oh! dorme o somno eterno, como um anjo de jaspe curvado sobre o mauzuléo! Quanto tenho soffrido!

BELCHIÒ.

Capitão, coragem... fazeis-nos chorar como mulheres.

GARIBALDI.

A recordação do passado me opprime o coração ainda ferido tão recente no que de mais caro tem existido neste mundo (*deixando o corpo de Margarida entregue a Melani, Daverio e Montaldi.*) Quando pela primeira vez a vi! (*erguendo-se vem a scena cercado dos outros companheiros.*) Margarida estava no jardim do seu castello, mais bella do que a mais bella flôr,

d'aqualle jardim pomposo! Senti por ella estranha sensação em mim! Comecei a não ter socego senão quando a via e de continuo procurava o acaso que me devia deparar com ella, com o meu anjo, com Margarida que tinha diante de meus olhos acordado ou dormindo, cercado de vós, ou no silencio a scismar solitario. Todos os dias, esperava ver surgir a auro-ra, ou sumir-se o sol para as occultas, a contemplar como um escultor a estatua mais perfeita que sahira do seu cinzel. Eu já tinha o coração escravo, já não era esse homem livre, esse soldado da liberdade! Margarida tinha em suas mãos as correntes que me prendião (*virando-se para o corpo de Margarida.*) Oh! era ella! Ella que eu amava muito... por quem daria toda a minha vida, em troca de um sorriso de seus labios de carmim! (*com fleuguma*) um dia... era quasi noite, os raios do sol douravão as folhas das arvores, encontramos na floresta; nossos olhos não abaixarão-se, o coração impulsava-nos o amor e ligava-os mutuamente; a paixão se havia apoderado de nossos corações. (*de joelhos pegando na mão de Margarida.*) Foi ahí... a face do Ceu, no silencio dos bosques que juramos a Deus um amor eterno! (*ergue-se rapido.*) Morreremos juntos. (*Quer ferir-se com a espada, os amigos arrebatão-na das mãos.*) Oh! devo morrer!

TODOS (*tirando-lhe a espada.*)

Capitão! Capitão! (*todos menos os tres que susiem Margarida.*)

GARIBALDI (*cahindo sentado na raiz da arvore.*)

Ah!

GIACOMO.

Te esqueceste, Garibaldi, do filho de Margarida, de teu filho? Não merece elle a conservação da tua vida, para a sua felicidade futura?

GARIBALDI (*com desespero.*)

Eu enlequeço!

MAMELI.

A loucura te faz esquecer a patria, a Italia!

GARIBALDI (*erguendo-se.*)

A patria! a minha pobre patria! ah! que ingrato sou, d'ella me não lembrando! Salvei-a de ser retalhada e o Senr. Laugeri conseguiu aniquilar os vergonhosos papeis para o brio da Italia, rebaixados, vendidos e comprados no congresso clandestino do castello de Ransberg. Pobre patria! Tu gemes opprimida pelos despotas que te cercão, oh! quem te libertará!

TODOS.

Garibaldi.

GARIBALDI.

Meus irmãos, Margarida merecia as nossas exequias, as preces dos homens livres, os mementos dos seus companheiros infelizes como ella (*pegando em um ferro começa a abrir uma sepultura junto da grande arvore.*) Vós a encommendais a Deos, eu abro-lhe a sepultura (*cavando.*) Aqui, no meio destas florestas, junto desta arvore, aonde longo tempo a vimos repousar das fadigas desta vida, adormecida ao som do murmurante rio que ali corre; sim, é o lugar onde que deve ser enterrada a esposa de Garibaldi e não nas opulentas catacumbas dos Ransbergs (*todos de joelhos orão.*) Não me achastes e bastante procurastes. Ha tres dias que tenho habitado pelas copas das arvores ou nas grutas. O sopro da morte bafejou os labios de Margarida; ei-la inanimada em vossos braços. Foi Deos que me guiou ás catacumbas dos Ransbergs e ahi, deixando todos surpresos, arrebatei do esquife negro o frio corpo d'aquella que me pertencia (*cavando.*) O Conde de Ransberg a julgava segura no tumulo dos seus avós, oh! eu o deixei com mais um desengano. Amigos, demos á terra, o que da terra foi—e fique este valle conhecido, pelo—Valle de Margarida.

BELCHIÓ.

Capitão, acabemos com isto. Este corpo pede sepultura. Ah! demos-lhe o descanso eterno.

GARIBALDI (*deixando o ferro com que abrira a sepultura mostrase resignado.*)

Amigos companheiros, foragidos e perseguidos, vinde ren-

der as ultimas homenagens devidas a nossa Margarida (*todos beijão a mão da defunta com respeito e pranto.*) Ah! o que me resta neste mundo?!

GIACOMO.

Teu filho!

MAMELI.

Teus amigos!

BELCHIÓ.

A patria!

GARIBALDI.

Meu filho! Vós! A patria! A Italia! Ella me chama! reclama os direitos adquiridos, os titulos de posse que tem sobre o meu braço e minha espada fiel! Garibaldi, perdeste um anjo e a patria ganhou um defensor. Para ti morrerão os prazeres, a felicidade, renasce para a patria a esperança da liberdade! (*indo abraçar o corpo de Margarida, beija-lhe a fronte.*) Oh! como está fria (*deitando-a na cova.*) Adeos, Margarida. Adeos esposa da minha alma! meu primeiro amor (*cae sentado na raiz da arvore.*)

GIACOMO (*com a cesta de flores.*)

Meus amigos e irmãos de infortunio, com estas flores seja seu corpo embalsamado (*todas deitãe da cesta as flores na cova.*)

MAMELI (*cobrindo a sepultura com terra.*)

Nada mais nos resta, alem da sua saudosa memoria.

BELCHIÓ (*arranjando com paus uma tósca cruz, prega na cabeceira da cova.*)

Seja o valle de Margarida conhecido por seu nome e a sua sepultura por esta cruz.

GARIBALDI (*depois de mostrar-se contrafeito acalma-se.*)

Giacomo, Mameli, Belchió, Mani, Montaldi, Pannizzi, Daverio, Melani, que tendes a meu lado corrido perigos e ris-

cos, devem deixar a Italia. Aqui somos inuteis, o grito da liberdade nos chama no sólo da America! Montevideó nos convida a batermo-nos contra o jugo dos seus opressores. Quando a patria despertar ao som do grito de liberdade, oh! voaremos a ella, nossas espadas serãõ o terror dos inimigos. Partamos, amigos. Ah! menos tu Giacomo, que serás um outro pai de meu filho se eu morrer. . .

TODOS.

Morreremos comvosco.

GARIBALDI (*para Giacomo.*)

Giacomo, és velho, meu amigo, entrego a teus cuidados meu filho, o fructo desse amor de que minh'alma ainda se inflamma, ensina-lhe a amar a memoria de seus pais e a detestar os despotas do mundo.

GIACOMO.

E partís agora?

GARIBALDI.

Sim (*indo a gruta volta.*) Não. . . não o quero ver que podia acobardar-me.

MAMELI.

Capitão, estamos promptos a vos acompanhar, partamos!

BELCHIÓ.

A liberdade deve contar com as nossas espadas, em qualquer parte, onde as reclamem. Partamos.

GARIBALDI.

Contei sempre comvosco. (*para Giacomo*) Volta a Genova, sabes dos recursos que disponho; ali debes curar da sorte de meu filho. . . e se elle perguntar por seu pai, por sua infeliz mãi, conta-lhe Giacomo, a nossa historia e dize-lhe: que pela patria e pela liberdade tudo deve sacrificar, como seu pai (*abraçando a Giacomo.*) Adeos!

GIACOMO.

Vós voltareis um dia a Italia, para quebrar-lhe os ferros!
Ide, Garibaldi, anjo da liberdade.

GARIBALDI (*triste.*)

Adeos, Italia!

SCENA 5.^a

Giacomo, Berchió, Mani, Montaldi, Panizzi, Daverio,
Garibaldi e Pedro.

PEDRO (*vem correndo e occultando-se.*)

Garibaldi...ou... Ah! encontro-vos (*para Garibaldi.*) El-
les ali vem.

GARIBALDI.

Quem?

PEDRO.

O Senr. Conde Ransberg com soldados austriacos... O
Senr. Alfredo e mestre Dorotheu ficarão com reforços nas
avenidas das florestas, ah! o Senr. Conde vem terrivel!

GARIBALDI.

Quem lhes ensinou a vir a este retiro? Pedro és um traidor.

PEDRO.

O Senr. Conde quiz matar-me... obrigou-me á trahir-vos.

GARIBALDI.

Como o trahistes muitas vezes.

TODOS OS GARIBALDINOS.

Morra o traidor.

GARIBALDI.

Amigos, a morte deste homem seria um assassinato; nós só matamos em lucta, não assim. Dize-me Pedro, (*Belchió vae nos montes*) como fugiste d'elles?

PEDRO.

Ao subirem a fralda opposta d'aquelle monte, destrahidos todos corri á avizar-vos... oh! fugi!... que elles vem armados todos.

GARIBALDI.

São elles! O conde Ransberg segue-me, oh! o seu odio não ficou nas catacumbas, não morreu com sua filha! Fugir! cobarde que és, falso criado. Amigos, ás armas! Demos uma batalha de mestres e seja em despedida esta nova lição aos nossos inimigos. Brilhe a luz dos nossos fuzís; as nossas espadas preparem-se para o combate. Querem combate? Haja batalha!

PEDRO (*medroso e á parte.*)

Batalha! combate! Meu Deos o que será de mim?

BELCHIÓ (*correndo dos montes.*)

Elles ali vem... oh! graças, meu Deus!

GARIBALDI (*empunhando a espada.*)

Vencer ou morrer!

MAMELI.

Não ha tempo a perder, partamos a recebê-los.

GARIBALDI.

Fiquem os valles de Margarida assignalados com mais um

feito de bravura em pró da liberdade. Espirito de Margarida sê por nós e a victoria será de nossas armas! (*partem pelo monte a quem da ponte e apparecem no lado opposto o Conde e soldados.*)

SCENA 6.^a

Giacomo, Belchió, Mani, Montaldi, Panizzi, Daverio, Geribaldi, Pedro, Ransberge e soldados.

RANSBERG (*atravessando a ponte com os soldados.*)

Ei-los, fogo!

GARIBALDI.

Liberdade ou morte! (*trava-se o combate. Giacomo está na entrada da gruta com o arcabuz preparado, Pedro junto da arvore.*)

PEDRO (*como reflectindo.*)

Elles batem-se, eu o que não quero é morrer (*sobe a arvore.*)

GARIBALDI (*batendo-se a espada com Ransberg, vem descendo o monte. Os garibaldinos trazem a golpes de morte os inimigos corridos ante elles.*)

Conde Ransberg, um de nós deve morrer!

RANSBERG.

Vingança!

GARIBALDI (*desarma Ransberg e este armado de uma pistola, recua.*)

Desarmado!

RANSBERG (*atirando sobre Garibaldi.*)

Morre!

PEDRO.

Ah! (*caindo morto de cima da arvore.*)

GARIBALDI (*acommetendo a Ransberg.*)

Morre Conde Ransberg! (*o Conde cae de joelhos e Garibaldi tem a espada apontada a seu coração, agarrando-lhe em um dos pulsos.*)

MAMELI (*vendo a Pedro morto no chão.*)

Justo céos, Pedro morto!

GARIBALDI (*na posição ameaçadora.*)

O Senr. Conde errou o tiro, a bala pagou uma divida de que Pedro era credor (*cruzando os braços ante o Conde que está humilhado.*) E' sempre terrivel a vingança de Garibaldi! Os vossos soldados batidos deixarão o campo e o seu chefe em meu poder; pois bem, em memoria de Margarida, eu vos concedo a vida. Sois livre Senr. Conde!

GIACOMO (*de joelhos na porta da gruta.*)

É a justiça de Deos! (*orando com os olhos para o céu.*)

(A scena mostra Garibaldi ante Ransberg o contemplando; Giacomo de joelhos a entrada da gruta; Mameli sustendo o corpo de Pedro, que fôra cercado pelos mais garibaldinos. Vem-se corpos de soldados mortos aqui e ali.)

FIM DO 3.^o E ULTIMO ACTO.